



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL -
PPGECII



MARINHO ULUCO XERENTE

**ENSINO DE LÍNGUA MATERNA POR MEIO DE GÊNEROS TEXTUAIS NA
ESCOLA ESTADUAL KURA BAKAIRI**

BARRA DO BUGRES-MT
2024

MARINHO ULUCO XERENTE

**ENSINO DE LÍNGUA MATERNA POR MEIO DE GÊNEROS TEXTUAIS NA
ESCOLA ESTADUAL KURA BAKAIRI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural

Orientadora: Profa. Dra. Lucimar Luisa Ferreira

BARRA DO BUGRES-MT
2024

MARINHO ULUCO XERENTE

**ENSINO DE LÍNGUA MATERNA POR MEIO DE GÊNEROS TEXTUAIS NA
ESCOLA ESTADUAL KURA BAKAIRI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural

Orientadora: Profa. Dra. Lucimar Luisa Ferreira

BARRA DO BUGRES-MT
2024

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

Xerente, Marinho Uluco.

82) Ensino de língua materna por meio de gêneros textuais na Escola Estadual Kura Bakairi / Marinho Uluco Xerente. - Cáceres, 2024.

0f. : il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbours".
Orientadora: Dra. Lucimar Luisa Ferreira.

1. Kurá Bakairi. 2. Kado škuly ume. 3. Kytanwe Kydšsenomedšdo. 4. Povo Bakairi. 5. Ritual das Máscaras. 6. Ensino de Língua Materna. I. Ferreira, Lucimar Luisa, Dra. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB

CDU 81'242(-1.81

MARINHO ULUCO XERENTE

**ENSINO DE LÍNGUA MATERNA POR MEIO DE GÊNEROS TEXTUAIS NA
ESCOLA ESTADUAL KURÂ BAKAIRI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus Univ. Dep. Est. “Renê Barbours” – Barra do Bugres - MT*, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino e linguagens em contexto intercultural

Aprovado em: 21 de junho de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



LUCIMAR LUISA FERREIRA
Data: 11/06/2024 15:43:07 -0300
Verifique em: <https://validar.dl.gov.br>

Profª. Dra. Lucimar Luisa Ferreira
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT
Orientadora

Documento assinado digitalmente



CLÁUDIA LANDIN NEGREIROS
Data: 21/07/2024 11:23:40 -0300
Verifique em: <https://validar.dl.gov.br>

Profª. Dra. Cláudia Landin Negreiros
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente



ISABEL TERESA CRISTINA TANKANE
Data: 25/07/2024 09:02:38 -0300
Verifique em: <https://validar.dl.gov.br>

Profª. Dra. Isabel Teresa Cristina Tankane
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT
Examinadora Externa

DEDICATÓRIA

Merâ seko uguehoan Virginia Maiaulo (mãe), wonhonru
mâunduhobyry, xirâ ywapery aguenhotobyry kaenwanikehobyry
tâmayneba womaru. Kuamoty anra kâenkadyly
kopaelâgãembaba ohonru nhuduhoem seko, Alâ ise uguely.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso grande criador, Kuamoty (Deus). Gratidão por ter me guiado com força e esperança, e por meio da luz e sabedoria do nosso criador tenho a imensa alegria de adquirir novos conhecimentos para enfrentar a vida face aos obstáculos que virão.

A minha família, em especial minha mãe Virginia Mairauala, que muitas vezes se preocupava ao me ver isolado, sentado na cadeira em um canto da casa, e perguntava se eu estava bem, ou precisando de algo. Ela que sempre pediu a graça de Deus para que abençoasse e prolongasse a minha vida em muito anos. Gratidão por tudo, minha mãe.

A minha irmã Kedima Maiuluguedo Xerente, pela sua compreensão e apoio diante da realização de minhas atividades, pois muitas vezes contribuiu para silenciar o ambiente da casa para que eu pudesse ter paz no momento de estudo, somente gratidão.

Ao meu primo cacique da aldeia Aki Ety, Agnaldo Rondon Kogapi, pela sua compreensão em assinar a carta de recomendação para que eu pudesse concorrer a uma vaga no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI. Gratidão a você e a sua família.

À diretora da Escola Estadual Indígena Kura Bakairi¹, a senhora Jessica Kavopi, meu sincero agradecimento por compreender a minha ausência na sala de aula, por compreender que era necessário cumprir as atividades da minha pesquisa de pós-graduação.

Ao senhor Floriano Paiure, com quem tive contato para contribuir com o canto do *Iakuigady* e assim passar para os alunos que é possível aprender a língua e a língua do *Iakuigady*, e com isso aprender a ler e escrever em Bakairi, meu agradecimento a esta pessoa sábia e com autoconhecimento do povo Bakairi.

Ao senhor Odil Apacano, pessoa com que tive a oportunidade de conversar sobre a minha pesquisa e tive uma orientação sobre o ritual do *Iakuigady*. Foi nesse período que o convidei para dar uma entrevista aos meus alunos do ensino fundamental e ensino médio, a fim de que a pesquisa fluísse com mais facilidade, motivando os alunos a conhecerem mais o ritual do *Iakuigady*. Meu sincero agradecimento a este homem sábio, conhecedor de várias histórias do povo Bakairi ou seja, um livro vivo. Toda minha gratidão.

¹ O nome da escola foi registrado sem acentuação (sem acento circunflexo). O nome do povo é escrito com acento circunflexo “Kurâ Bakairi”. Portanto ao mencionar o nome da escola Estadual Indígena Kura Bakairi é Kura sem acento.

À senhora Iraci Uluco Xerente, que trabalha com nutrição na escola. Com a sua compreensão, tivemos a honra de executar a nossa atividade culinária com alunos (as) do ensino fundamental para completar a atividade da pesquisa e o produto pedagógico. Meu sincero agradecimento e peço que Deus sempre lhe dê sabedoria e força para a sua vida.

Aos alunos do ensino fundamental e médio. Meus alunos, ora cheios de energia, ora sem energia, mas a motivação e muito diálogo em sala de aula tornaram nossos dias letivos mais prazerosos, sei que não é fácil ficar horas sentado ouvindo o professor, só gratidão por sermos amigos, alunos e professor, que *Kuamoty* sempre abençoe a aprendizagem de todos.

Aos professores e colegas da Escola Estadual Indígena Kura Bakairi. Somos um total de 14 professores Bakairi, todos falantes da mesma língua materna Kurâ Bakairi. Meu agradecimento a todos por cederem, muitas vezes, suas aulas para que eu pudesse executar minhas atividades, sobretudo ao professor que cobriu a minha ausência, adiantando suas aulas no meu dia de atividade para aplicar a minha pesquisa. Gratidão a todos vocês, amigos e colegas.

Agradeço também aos amigos e parceiros que colaboraram com a minha pesquisa, tanto na correção da língua materna Bakairi – Apolônio Apiaga, professor de línguas, arte e literatura – quanto no desenho das máscaras sagrada, o meu amigo Juarez Cuchivare, meu muitíssimo obrigado por terem contribuído na elaboração e construção deste trabalho.

Aos professores (as) do programa PPGECH. Confesso que foi um dos programas em que mais conheci pessoas verdadeiramente engajadas na luta pelos direitos dos povos indígenas. Embora o sistema muitas vezes seja falho, capaz de ignorar e usurpar os direitos adquiridos, pessoas capazes e comprometidas com as causas indígenas existem. Esse é um dos motivos que tenho para agradecer aos professores do PPGECH- UNEMAT, Barra do Bugres – MT.

Aos meus colegas do programa PPGECH, por disponibilizarem a força, a persistência e a vontade de conseguir seus objetivos para que assim tivéssemos um encontro em um só lugar. Só tenho a agradecer incansavelmente a *Kuamoty*, pois acredito mesmo que isso tenha sido a vontade de Deus. Gratidão a todos vocês.

A minha orientadora profa. Dra. Lucimar Luísa Ferreira, meu muito obrigado pela orientação para o desenvolvimento da minha pesquisa e por ter me incentivado para que eu não desistisse do programa, que tudo dependeria somente do meu esforço e empenho. Obrigado, gratidão.

À comunidade Bakairi, em especial, às pessoas da aldeia Pakuera, quero dizer que sou grato por tudo, especialmente por me considerarem um membro da comunidade. Quero dizer que a minha luta terá um retorno benéfico para todos.

Por fim, a todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente desde o início da minha pesquisa com a informação da história do *Iakuigady* e da história dos Bakairi, meus agradecimentos.

'Eu, enquanto professor indígena, saúdo e valorizo meus antepassados, pois foram eles que lutaram por uma educação diferenciada e me ensinaram o valor da terra, o amor pelo chão e pelos frutos que dela colhemos'.

Professor Indígena Kurâ Bakairi – Magno Amaldo da Silva

IZEWATO: Xirâ iewano tâjitanru wâgâ ise auguely, Kurâ-Bakairi Paranatinga Mato Grosso donro itanru. Âdara ka kytanruen konomedâdyly eskola oday, awârâ xutuze ma ise tarâ koengatuly, aituo ise nheangoroem kydâsenomedâdoem kytanru wâgâ aguykehoem kâungudyly mârâleba wâgâ, iweniyby kintaihoem, kinwenihoem lâpylâ. Xirâ iewanu ma ise tâdâsenomedâdyly enuagaendyly, âdara, kytanwe tâdâsenomedâdyly. Aituo pylâ awâkâ kado *IAKUIGADY* ise xirâ iewanu epâgueim, Karaiwa itanruem azagâ tokalâ, kurâ kiampâigueho, tâjigâky pyni aieto warâ (entrevista, canto culinária). Awârâ tokalâ karaiwa itanru ma ise pape tytainzein nhe ini, awâkâ âsenomedâni modo aientyby lâ ise awârâ. Awylygue xypyryem iweniby be itoem, kunâryem warâ. Awâkâ karaiwa inwniby wâgâ lâpylâ ise xirâ iewanu idâly, awâkâ tâjitanru wâgâ âsenomedâdyby. Tâlâ lâpylâ Mynaio, (2001), awâra âwanu ioze eydâ kehoem aini warâ. Tâmayneba kâinwâdyly, kânwily, kâenuangadyly, mârâ iwelo tâdâsenomedâdo âepanâguehoem, iamimeom nhomazeontoem tytanru gue tuoamre agguehoem, konomedâni modo tuomare konomedâdomoem warâ, waonroem agui imâem âsenomedâni be ise kurâ, aituo akaemo modo xurâem lâpylâ warâ xirâ iewanu byry âxânhoem.

Palavras-chave: Kurâ Bakairi, Kado âkuly ume, Kytanwe Kydâsenomedâdo

RESUMO: Esta pesquisa trata do ensino da língua materna do povo Bakairi da aldeia Pakuera, município de Paranatinga – MT. O objetivo é investigar sobre o ensino da língua por meio de gêneros textuais e desenvolver uma proposta de ensino da referida língua materna na escola Kura Bakairi, a partir de várias estratégias de leitura e produção de textos. A metodologia proposta parte do tema gerador “Ritual das *Iakuigady*” – Ritual das Máscaras Sagradas do povo Bakairi, com o desenvolvimento de três sequências didáticas em sala de aula. As sequências didáticas são propostas a partir de três gêneros textuais: entrevistas, cantos e receitas culinárias tradicionais. Os gêneros textuais abordados fazem parte da investigação sobre o Ritual das Máscaras. O Produto Educacional é um livro organizado com os textos produzidos pelos alunos nas três sequências didáticas. O estudo é fundamentado em bibliografias de autores que discutem o ensino de línguas e os gêneros textuais. A metodologia é qualitativa (Minayo, 2001), nos moldes da pesquisa-ação. Acreditamos que fazer uma pesquisa sobre uma nova metodologia de ensinar a língua materna pode proporcionar maior estímulo para os estudantes nas aulas e pode servir também para professores e até mesmo futuros pesquisadores Bakairi que se interessarem pelo tema.

Palavras-chave: Povo Bakairi; Ritual das Máscaras; Ensino de Língua Materna.

ABSTRACT: This research deals with teaching the mother tongue of the Bakairi people from the Pakuera village, municipality of Paranatinga MT. The objective is to investigate language teaching through textual genres and develop a proposal for teaching mother tongue at the Kura Bakairi school, using various reading and text production strategies. The proposed language teaching methodology is based on the generating theme “Ritual of *Iakuigady*” - Ritual of the Sacred Masks of the Bakairi people, with the development of three didactic sequences in the classroom. The didactic sequences are proposed from three textual genres: interviews, songs and traditional culinary recipes. The textual genres covered are part of the investigation into the Mask Ritual. The Educational Product will be a book with texts produced by students in the three didactic sequences. The study is based on bibliographies of authors who discuss language teaching and textual genres. The methodology is qualitative (Minayo, 2001), along the lines of action research. We believe that carrying out an in-depth investigation of a new methodology for teaching the mother tongue can provide greater stimulation for students, teachers and even future Bakairi researchers who are interested in the topic.

Keywords: Bakairi people; Mask Ritual; Teaching Mother Tongue

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

ATL – Acampamento Terra Livre

CNPI – Comissão Nacional de Política Indigenista

COIAB – Coordenação Indígena Amazônia Brasileira

EEI – Escola Estadual Indígena

EJA – Educação de jovens e adultos

FAINDI – Faculdade Indígena Intercultural

FIVE – Faculdade Várzea-grandense de educação

FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas

GTME – Grupo de Trabalho Missionário Evangélico

LDBEN – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PPGECII – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECII

PPP – Projeto Político Pedagógico

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação

SIL – Summer Institute of Linguistics

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

SPILTN – Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Casamento dos meus pais

Figura 2: Formatura em Pedagogia, 2003

Figura 3: Cadeira gigante próximo ao palácio da ONU, em Genebra

Figura 4: Linha do equador/metade do mundo

Figura 5: Mapa Etnomapeamento das aldeias Bakairi do município de Paranatinga-MT

Figura 6: Centro da aldeia Pakuera

Figura 7: Ritual das *Iakuigady*

Figura 8: Antiga escola José Pires Uluku (localizada na Aldeia Pakuera)

Quadro 1 – Apresentação das primeiras escolas na Terra Indígena do povo Bakairi, 2023

Figura 9: Nova escola na aldeia Pakuera – E.E.I Kura Bakairi

Figura 10: Marinho Uluco Xerente com professores na escola em 2023

Tabela 2: Quadro dos professores e sua formação

Figura 11: Atividades culturais na formatura do Ensino Médio na escola em 2022

Figura 12: Alunos do ensino fundamental

Figura 13: Alunos 1º ano ensino médio – 2023, na aula de teste da entrevista

Figura 14: Palestra com o senhor Odil Apacano

Figura 15: Alunos 1º ano ensino médio participando da palestra

Figura 16: Floriano Paiure, contador de história sobre canto do *Iakuigady*

Figura 17: Alunos 9º ano fazendo na prática o beiju de polvilho para mingau

Figura 18: Alunos degustando mingau após o término da aula prática

SUMÁRIO

Minha história de vida e de formação acadêmica	17
CAPÍTULO I	27
O POVO BAKAIRI E SUA HISTÓRIA	27
1.1 O povo Bakairi.....	27
1.2 A educação escolar do povo Bakairi	31
1.3 A escola Kura Bakairi e seus desafios na contemporaneidade.....	38
1.4 A contribuição da escola na manutenção e fortalecimento da cultura	39
CAPÍTULO II.....	42
A LÍNGUA BAKAIRI E O SEU ENSINO NA ESCOLA DA ALDEIA	42
2.1 A língua Bakairi e um pouco do seu histórico	42
2.2 Políticas linguísticas e ensino de língua materna na escola	46
2.3. Ensino na escola antigamente e na atualidade.....	47
2.4 O Bilinguismo e o ensino na educação escolar Kura Bakairi.....	50
2.5 Língua e linguagem no RCNEI	51
2.6 Os gêneros textuais e o ensino da língua	53
CAPÍTULO III	55
PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA BAKAIRI.....	55
3.1. Sequência didática e ensino	55
3.2 Desenvolvimentos das aulas.....	58
3.2.1 Ensinos de língua Bakairi usando o gênero textual entrevista.....	58
3.2.2. Ensino de língua Bakairi usando o gênero textual canto	68
3.2.3. Ensino de língua Bakairi usando o gênero textual receita culinária	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS	78
Consultores Bakairi.....	79
ANEXO A – LISTA DE TURMAS E ALUNOS.....	80
APÊNDICE A – PRODUTO PEDAGÓGICO.....	81

INTRODUÇÃO

A Escola Estadual Indígena Kura Bakairi atualmente oferta o ensino de forma bilíngue para o Fundamental, Médio e o Ensino de Jovens adultos-EJA, considerando que a escola em Terra Indígena se faz necessariamente por educação específica e diferenciada. Partindo da perspectiva de escola específica e diferenciada, a nossa escola sempre vem fortalecendo o ensino da língua Bakairi em sala de aula, pois entendemos que ensinar na língua materna é um direito que nós indígenas temos.

Para que a escola seja mais eficiente no ensino da língua materna, é necessário que seja mais atraente para os alunos, ou seja, mais dinâmica nas estratégias e atividades de ensino. Para facilitar o ensino da língua materna, é necessário adotar diferentes metodologias e propostas de aprendizagem com o intuito de que os alunos aprendam com maior facilidade e eficiência.

Com vistas à garantia de um ensino específico, diferenciado e de qualidade, a equipe gestora (diretor, coordenador pedagógico, secretário) da escola Bakairi procura sempre questionar os professores, para que juntos busquem metodologias diferentes, visando o melhor aprendizado dos alunos. É importante desenvolver estratégias e atividades que propiciem aos estudantes o entendimento dos conteúdos ensinados no ambiente escolar, levando em consideração o uso da língua materna no seu contexto sociocultural. Nesse sentido, uma metodologia inovadora de ensino da língua materna pode ser desenvolvida nas turmas de Ensino Fundamental e Médio, para que os alunos tenham mais interesse e vontade de participar das aulas (compromisso), de forma proveitosa e prazerosa.

A cultura do Povo Bakairi é riquíssima em suas pinturas, dança, alimentação, música e artesanatos. O Ritual das Máscaras Sagradas é um dos mais importantes aspectos da cultura do povo, e pode fazer parte das atividades de leitura e escrita na escola. Considerando este aspecto fundamental da cultura do povo Bakairi, desenvolvemos na sala de aula, juntamente com as turmas do Ensino Fundamental e Médio, uma experiência de ensino de língua materna a partir do tema gerador Ritual das *Iakuigady*² – Ritual das Máscaras Sagradas do povo Bakairi.

² O tema *Iakuigady* no contexto de ensino da língua entre os Bakairi é restrito pelo fato de somente os homens poderem ter contato direto com as Máscaras *Iakuigady*. Porém quando há ritual das *Iakuigady* toda a comunidade – homens, mulheres e crianças – é envolvida no preparo da alimentação, na confecção das vestes das Máscaras, que pode ser trabalho das mulheres. Nesse sentido, o tema gerador Ritual das Máscaras Sagradas pode ser aproveitado no ensino de língua materna para homens e mulheres.

Existem vários trabalhos acadêmicos já realizados com o tema das Máscaras Sagradas, mas no campo do ensino e aprendizagem da língua nos deparamos com um enorme vazio (lacuna) no que se refere ao uso e registro dos textos empregados em todo o Ritual. Um espaço que necessita ser preenchido com trabalho feito em sala de aula com alunos para, assim, estimular jovens e adultos a praticarem a fala e a escrita de sua língua materna, dentro de um contexto cultural específico, que é o Ritual das Máscaras.

Acreditamos, portanto, que o trabalho na sala de aula com alunos do Ensino Fundamental e Médio, a partir da investigação sobre o Ritual das Máscaras Sagradas poderá estimular jovens e adultos a praticar a leitura e a escrita de sua língua materna dentro do seu contexto cultural específico. O objetivo é investigar sobre o ensino de línguas por meio de gêneros textuais e desenvolver uma proposta de ensino da língua Bakairi na escola, com atividades planejadas a partir do tema gerador Ritual das Máscaras Sagradas *Iakuigady* do povo Bakairi, usando três gêneros textuais: entrevista, canto e receita culinária. Além do objetivo geral, temos também alguns objetivos específicos que são: compreender o ensino de línguas por meio de gêneros textuais; trabalhar leitura e escrita da língua Bakairi com alunos do Ensino Fundamental e Médio, a partir de sequências didáticas e organizar, em sala de aula, um livro (Produto Educacional) com textos e ilustrações produzidos pelos alunos nas aulas de língua materna.

A presente pesquisa possui caráter qualitativo (Minayo, 2001) cuja realização se encaixa nos moldes da Pesquisa-Ação (Thiollent, 1988), na qual foram realizadas entrevistas com pessoas mais velhas, alunos e professores, observações *in loco*, bem como foi desenvolvida, na sala de aula, uma proposta de ensino de língua materna com o tema gerador “Ritual das *Iakuigady*” – Máscaras Sagradas do povo Bakairi.

Este trabalho de investigação está fundamentado em autores como Travaglia (2002); Paula (2018); RCNEI; Taukane (1999); Taukane (2013), entre outros. A partir da pesquisa de campo (observação e entrevistas) e a prática de ensino na sala de aula, foram realizadas a discussão e a análise acerca da experiência de ensino a partir de sequências didáticas sobre os gêneros textuais: entrevista, cantos e receita culinária.

Uma das dificuldades encontradas para o ensino em língua é o material específico de apoio didático-pedagógico para uso do professor e dos alunos na prática. Assim, a partir dos materiais coletados no trabalho de campo, com auxílio das atividades na sala de aula, foi organizado um livro (Produto Educacional) com os textos dos alunos do Ensino Fundamental e Médio da Escola Estadual Indígena Kura Bakairi.

A presente pesquisa se encontra distribuída em três capítulos. No primeiro, abordamos um pouco do contexto do povo Bakairi, da região de Paranatinga, Mato Grosso. Apresentamos parte da história do povo Bakairi e a história da educação escolar. No segundo capítulo, abordamos o histórico da língua Bakairi e o seu ensino na escola da aldeia. Já no terceiro e último, descrevemos a proposta de ensino de língua Bakairi desenvolvida na sala de aula, por meio de sequências didáticas, usando os gêneros textuais: entrevista, canto e receita culinária.

Minha história de vida e de formação acadêmica

Meu nome é Marinho Uluco Xerente, sou filho de pais pertencentes a duas etnias diferentes, Bakairi e Xerente ³. Meu avô Tomas Xerente, do povo Xerente, nos tempos do Serviço de Proteção ao Índio – SPI (por volta de 1942), foi designado para trabalhar com o povo Xavante da região do município de Paranatinga – MT. Era aplicado castigo aos indígenas que não obedeciam a ordem do comando do SPI naquela época, então o senhor Thomas Xerente passou a receber ordem para que prestasse serviço junto ao povo Xavante. Chegando a esta região, que naquela era território Xavante e território Bakairi, passavam por momento de reconhecimento e demarcação de suas terras por parte do governo federal. Por esse tempo imperava o regime da ditadura, então meu avô Tomas Xerente, entre idas e vindas do Território Xavante ao Território Bakairi, conheceu uma indígena da etnia Bakairi, a senhora Iraci Maioca, que passaria a ser a sua esposa.

Dessa relação entre um Xerente e uma Bakairi nasceu na aldeia do povo Xavante, denominada aldeia Marechal Rondon (Batovi), um filho chamado de Itaci Uluco Xerente, e depois tiveram mais uma filha. Os dois filhos cresceram conhecendo a cultura do povo Xavante. Passado algum tempo se mudaram para a então aldeia Pakuera, que antes se chamava Posto Simões Lopes, no município de Paranatinga-MT. Porém ainda era sob o controle do SPI, um regime forte que foi implantado com um olhar crítico que referencio nos dias atuais, sobretudo na questão humanitária, que aplicava castigos a indígenas desobedientes.

Foi nesse período que o senhor Itaci Uluco Xerente conheceu a senhora Virginia Maiaulo, uma Bakairi nascida e criada na Terra Indígena Bakairi Aldeia Pakuera, filha do senhor Feliz Taele e dona Helena Irahu, ambos Bakairi. O casamento aconteceu na aldeia Pakuera. Segundo o relato da minha mãe, Virginia Maiaulo, no dia do casamento muitas pessoas foram prestigiar a cerimônia. Veja a foto abaixo:

³ Bakairi-Etnia Bakairi localizado em dois municípios; Nobres-MT, e Paranatinga-MT, Xerente atualmente localizado na região de Tocantins -TO

Figura 01: Casamento dos meus pais



Fonte: Arquivo do autor (1967).

Dessa união primeiramente nasceram Reginaldo Ikaura Xerente, Iraci Uluco Xerente e Marinho Uluco Xerente, que sou eu. Depois vieram Helena Iakanulo Xerente, Kedima Maiuluguedo Xerente e Keila Maioca Xerente. No total meus pais tiveram seis filhos, sendo dois masculinos e quatro femininos.

No dia quatro de maio de 1975, às 15h, segundo a minha tia Inês Kuleme (que fez o meu parto) irmã mais velha da minha mãe, eu nasci de parto normal na aldeia Pakuera. Importante relatar que a data de nascimento que consta em meu documento é dia três de maio de 1975, ou seja, quando meu pai foi me registrar no cartório da cidade de

Paranatinga, antecipou em um dia a data do meu nascimento, mas tudo bem, isso acontece.

Fui alfabetizado dos sete aos 12 anos de idade na escola da minha aldeia, a escola José Pires Uluku, que antes tinha apenas a alfabetização. Era muito difícil naquela época a questão de educação escolar para indígenas, acredito que a maior parte das etnias indígenas também passaram por este momento cruel no que se refere à educação. Professores eram os não indígenas, que passavam apenas um período curto na aldeia e outro em suas casas na cidade, faziam seu tempo como bem entendessem. Aprendi a ler e escrever, mas tive dificuldade de compreender, ler e escrever em língua portuguesa, na verdade a minha dificuldade de interpretar a língua portuguesa vem desde o início da minha alfabetização, sobre a qual falarei ao longo do texto.

No ano de 1990 surgiu a oportunidade de estudar fora da aldeia, numa escola rural denominada de escola agrícola no município de São José do Povo-MT. Naquela época a Fundação Nacional dos Povos Indígenas – FUNAI – era responsável pela Educação Escolar Indígena, de modo que era necessário esperar a quantidade de vagas que a FUNAI disponibilizava para que indígenas continuassem a estudar. Estudei na escola Agrícola de quinta a oitava série, iniciei no ano de 1990 e concluí no ano de 1993. Não foi fácil estudar naquele tempo, entre idas e vindas, durante quatro anos passei por situações boas e ruins.

A parte boa é que as viagens que eu fazia junto com meus amigos Bakairi eram muito divertidas, quase não notávamos a barreira que estava entre nós. Claro, eramos todos jovens com idade entre 14 a 15 anos. Lembro-me de que em algumas dessas viagens eu e meus colegas fomos até a cidade em um trator da aldeia, passamos mais de oito horas para chegar à cidade e embarcar em um ônibus com destino à tal escola agrícola (naquela época se chamava internato). A distância entre a aldeia e a cidade era de 100 km, que em um carro levaria de duas a três horas de viagens. Bem, como eu disse, tudo era visto como diversão.

A parte ruim foi a questão financeira, pois à época a Funai era responsável pela educação escolar indígena e as passagens de ida e volta eram custeadas por essa instituição. Muitas vezes recebíamos uma quantia em valor para que pudéssemos comprar alguma coisa para comer durante nossas viagens, já em outras recebíamos alguns pacotes de bolachas doces ou salgados para nos alimentar durante a viagem de volta à aldeia. Ainda nessa época meu pai Itaci Uluco Xerente trabalhava, era funcionário da Funai (motorista), mas seu salário era muito pouco, não dava para manter todos de sua família.

Então eu ficava muitas vezes sem dinheiro, dependendo da ajuda da FUNAI. Essa parte foi uma das piores experiências vividas por mim.

Confesso que estudar em escola agrícola foi uma base para minha aprendizagem sobre lidar com a questão da terra, já que eu era um jovem de apenas 14 anos de idade e não sabia nada de manejo de terra. Ali tive que aprender a lidar com animais como gado, porcos e galinhas, também aprendi a usar ferramentas de plantio e como fazer uma horta, plantar e colher arroz, feijão e algodão, porém a escola contribuía com alunos que trabalhassem na colheita de algodão, pois pagavam uma quantia em arroba colhida e no final de cada colheita recebíamos um valor de acordo com que colhíamos. Assim, eu tinha alguns valores para comer na viagem.

No ano de 1994 meu pai foi transferido da aldeia para a cidade de Rondonópolis-MT. Neste mesmo ano eu iniciei meu estudo no antigo ensino médio, o ensino propedêutico, na escola Osvaldo Candido Pereira na cidade de Paranatinga-MT, sendo que a transferência do meu pai aconteceu no mês de julho. Nesse período eu estava em estudo, mas tinha que acompanhar meus pais, uma vez que não tinha como me manter longe deles, não tinha emprego. Muito difícil um indígena conquistar um emprego sem ter experiência, por isso ficou difícil para eu seguir estudando na cidade de Paranatinga, então fui morar com meus pais em Rondonópolis.

Outra experiência marcante se deu já nesse lugar, entre meus 18 e 21 anos de idade, em Rondonópolis. Primeiramente eu fiquei dois anos sem estudar, de 1994 a 1995, somente no ano de 1996 iniciei o ensino profissionalizante em magistério, uma experiência muito ruim, pois eu era muito tímido e isso prejudicou muito a minha progressão em aprender. Além do mais, nunca pensei em ser professor, mas antes de iniciar meus estudos, aos 18 anos de idade tive que me apresentar junto ao serviço militar do exército. Não era obrigatório um indígena servir, mas a minha vontade fez com que eu me alistasse.

Do primeiro ao terceiro ano de magistério na Escola Estadual de 1º e 2º grau Professora Elizabeth, na cidade de Rondonópolis-MT, foi tempo de muita luta comigo mesmo, período em que lutei para estar no meio dos meus colegas não indígenas, tentando me igualar em relação ao ensino e aprendizagem, à leitura e aprendizagem. Eu juro que foi muito difícil conseguir, mas apesar dos muitos obstáculos, eu venci os três anos de magistério.

No ano de 2001, com meus 26 anos de idade, tive a oportunidade de estudar no ensino superior na faculdade de Pedagogia em Várzea Grande, pela instituição de ensino Faculdade Várzea-Grandense de Educação – FIVE. Na verdade, o início foi bem confuso, pois como era uma bolsa de estudo financiada pela organização internacional da Alemanha, Diakonisches Werk, tive que buscar pessoalmente uma faculdade onde pudesse realizar meu estudo. De fato foi muito difícil porque eu queria cursar Direito, mas não houve entendimento com a faculdade que busquei para dialogar.

Eu tinha que entrar e matricular em uma faculdade para garantir a bolsa financeira que daria para sobreviver na cidade, pois a hospedagem era cedida pelo Grupo de Trabalho Missionário Evangélico – GTME cuja coordenação da Organização Não Governamental – ONG – era presidida pelo indígena Lúcio Terena. Passei uma semana buscando uma faculdade em Cuiabá, cansado de tanto andar a pé e em transporte coletivo. Por fim fiz um teste de seleção numa faculdade de administração e consegui a pontuação exigida, porém a comunicação entre a Coordenação da faculdade e a minha pessoa não deu certo, e perdi o período da matrícula. Como era bolsa de estudo e tinha um período dado pela própria faculdade, este período expirou. Mas como em nossas vidas tudo tem uma segunda chance, recebi a notícia de que uma faculdade na cidade de Várzea Grande teria uma vaga no curso de pedagogia e logo fui para realizar a minha matrícula.

Assim foi durante os três anos na faculdade de pedagogia, de 2001 a 2003, eu interagi com meus colegas e vi o valor de ser um professor, então passei a ter gosto, prazer de ser professor, também de muito aprendizado e conhecimento. Então realizei meu estágio de professor com a turma da Educação de Jovens Adultos – EJA em Cuiabá, participando de vários seminários e palestras. Em 2003, no dia 11 de dezembro, foi o dia da minha formatura. Nesse dia foi o momento mais gratificante para mim, pois a minha mãe e meu pai estavam presentes, veja a foto abaixo.

Figura 02 – Minha Formatura do curso de Pedagogia



Fonte: Arquivo do autor (2003).

Lembro como se fosse hoje, meus pais muitos felizes, pois era o primeiro filho a se formar em ensino superior, e eu me sentia muito, muito feliz também, gratidão ao meu pai Itaci Uluco Xerente que hoje não se encontra mais aqui na terra.

Durante a graduação eu tive várias oportunidades, numa delas conheci o senhor Lúcio Terena, Coordenador do GTME, e por meio da sua pessoa fui para outros países, conheci a Europa, a Suíça – cidade de Genebra. Na verdade, eu fui participar da reunião na ONU, onde todos os anos se realizava o chamado Grupo de Trabalho para Povos Indígenas.

A vivência que antecedeu minha viagem à Suíça, Genebra, foi muito interessante: o primeiro passo foi tirar o passaporte, nessa época eu morava em Cuiabá e estudava em Várzea Grande, o que facilitou para conseguir o meu tão sonhado passaporte; depois foi a vez de tomar vacina contra a febre amarela, exigência da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – para viagens internacionais. Tudo certo até aí, o problema ainda estaria por vir. A ansiedade em viajar só aumentava, pois para eu viajar para a Europa era novidade, sem dúvida.

Lembro-me de que um dia antes de viajar tive problema de insônia, não conseguia dormir e com a passagem já marcada. Teria que estar no aeroporto pelo menos uma hora antes do embarque e foi aí que aconteceu o primeiro azar. Perdi o voo e tive que remarcar para o próximo dia, pagando taxa de atraso. Tudo certo na viagem, embarquei no avião e passei a noite toda sem dormir. Olhava para os lados, os passageiros dormindo e eu ficava imaginando coisas que só apareciam na minha cabeça. O primeiro contato com a Europa foi na Alemanha, Aeroporto de Frankfurt, um aeroporto enorme.

Cheguei na Suíça às 15h, horário local. Fui recebido no aeroporto de Genebra pela entidade que financiou a minha ida para participar da reunião na ONU, confesso que me senti uma pessoa importante naquele dia. Uma semana participando da reunião ou simplesmente indo ao palácio da ONU para sentir assim. Mal falava português e pouco inglês, mas sabe o dito popular que brasileiro nunca desiste? pois então, não desisti! Fiquei uma semana em Genebra – Suíça. Conheci lugares fantásticos, além do centro histórico. Essa cadeira gigante na praça das nações fica em frente ao palácio da ONU, sem uma das pernas. Veja a foto abaixo.

Figura 03: Cadeira gigante próximo ao palácio da ONU, em Genebra



Fonte: Arquivo do autor (2004).

Segundo a história, esta cadeira com umas das pernas quebrada simboliza a rejeição, as crueldades e as violências sofridas pelos humanos no mundo.

Além das viagens internacionais, também participei dos eventos realizados aqui no Brasil, reuniões e fóruns em Brasília, participação em Acampamento Terra Livre – ATL, em Brasília, tudo isso contribuiu muito para a minha aprendizagem.

Em 2005, o senhor Lucio Terena, que nessa época era coordenador da COIAB, indicou meu nome para estudar no Equador.

Figura 04: Linha do equador/metade do mundo



Fonte: Arquivo do autor (2005).

Tive a oportunidade de estudar em Quito – Equador, no curso Direito Indígena e Recursos Hidrocarburíferos com duração de um ano. Foi um desafio, primeiro porque eu tinha que dominar a língua local (espanhol) e escrever a minha monografia em espanhol. Não tive sucesso com o trabalho de conclusão, mas foi um aprendizado para nunca esquecer. Em 2006 retornei à aldeia Pakuera com a graduação concluída, apto a trabalhar como professor. Em 2008 o professor Paulo Kavopi, coordenador da Escola Estadual Indígena Kura Bakairi, fez a mim o convite para trabalhar como coordenador pedagógico da escola.

De 2008 até 2013 atuei na coordenação, já como professor na sala de aula entre os anos de 2014 a 2015. Cabe destacar que entre 2016 e 2018 também fui diretor da escola. De 2019 até o ano de 2022 novamente fiquei na coordenação pedagógica. Durante o ano letivo de 2023, atuei na sala como professor titular. Lecionei a disciplina da Língua materna nas cinco turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, além de uma turma do 1º ano do Ensino Médio. Neste ano de 2023 trabalhei a aplicação uma metodologia

inovadora, que é a sequência didática. Acredito que o ensino da língua materna pode ser trabalhado e melhorado a partir disso.

Para desenvolver o presente trabalho, tive que buscar os gêneros que poderiam ser mais úteis para os alunos nas atividades de leitura e escrita em Bakairi. Então, fazendo uma busca compatível com a minha pesquisa e conversando com a minha orientadora, cheguei à conclusão de que o tema Ritual das *Iakuigady* poderia ser adequado para o ensino da língua. Assim foram trabalhados três gêneros: entrevista, canto e receita culinária, sendo que trazem em seu conteúdo as práticas culturais e tradicionais do povo Bakairi. Dessa forma se iniciou no ano de 2023 a minha dupla jornada de professor e pesquisador do meu próprio povo Kurâ Bakairi. A parte que mais tenho prazer é de estar ali com os alunos, conversando sobre os interesses de todos e participando das diferenças que a escola tem, bem como sobre as diversidades que ali existem.

Uma escola indígena de uma comunidade ou de um povo que fala uma mesma língua tem a presença das diferenças, considerando que cada etnia pode ou não ter a divisão de classe ou família, pertencer a um clã ou a outro.

A trajetória da minha vida pessoal e profissional não foi fácil, uma luta pessoal entre idas e vindas, sem nunca me deixar levar por caminhos errados. Sempre acreditei no meu potencial, e é aí que entra a nova fase da minha vida. Após tantas tentativas de ingressar em um mestrado, em 2021 fui selecionado para mestrado profissional na Universidade Do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH, na cidade Barra do Bugres-MT.

Fiquei muito feliz com meu estudo e com o meu projeto cujo objetivo seria desenvolver uma metodologia diferenciada para ensinar a língua materna na escola Kura Bakairi. O desafio seria ensinar isso para aquele que já sabia falar a língua. Quase todos os Bakairi falam fluentemente sua língua, porém no meio da fala entre o próprio Bakairi sempre surge uma palavra em português. Foi nessa parte que desenvolvi o ensino da língua inovando uma maneira diferenciada de ensinar, ou seja, usei uma metodologia para motivar os alunos a falar e a escrever na língua materna. Espero que eu possa ter contribuído da melhor forma para o desenvolvimento da educação escolar do meu povo.

CAPÍTULO I

O POVO BAKAIRI E SUA HISTÓRIA

Neste capítulo abordo um pouco do contexto do povo Bakairi, residentes na região de Paranatinga, Mato Grosso. Apresento um pouco da história do povo Bakairi e a história da educação escolar no que se refere ao ensino. Como o direcionamento desta pesquisa é o ensino da língua materna, trago parte da história da língua Bakairi na contemporaneidade da escola.

1.1 O povo Bakairi

A população Bakairi é composta de 988 indivíduos, está distribuída em duas terras indígenas, a Terra Indígena Bakairi, de Paranatinga, com 793 pessoas; e a Terra Indígena Santana, com 195 pessoas, ambas localizadas respectivamente nos municípios de Paranatinga e Nobres, no Estado de Mato Grosso, Centro-Oeste do Brasil⁴.

De acordo com Capistrano de Abreu:

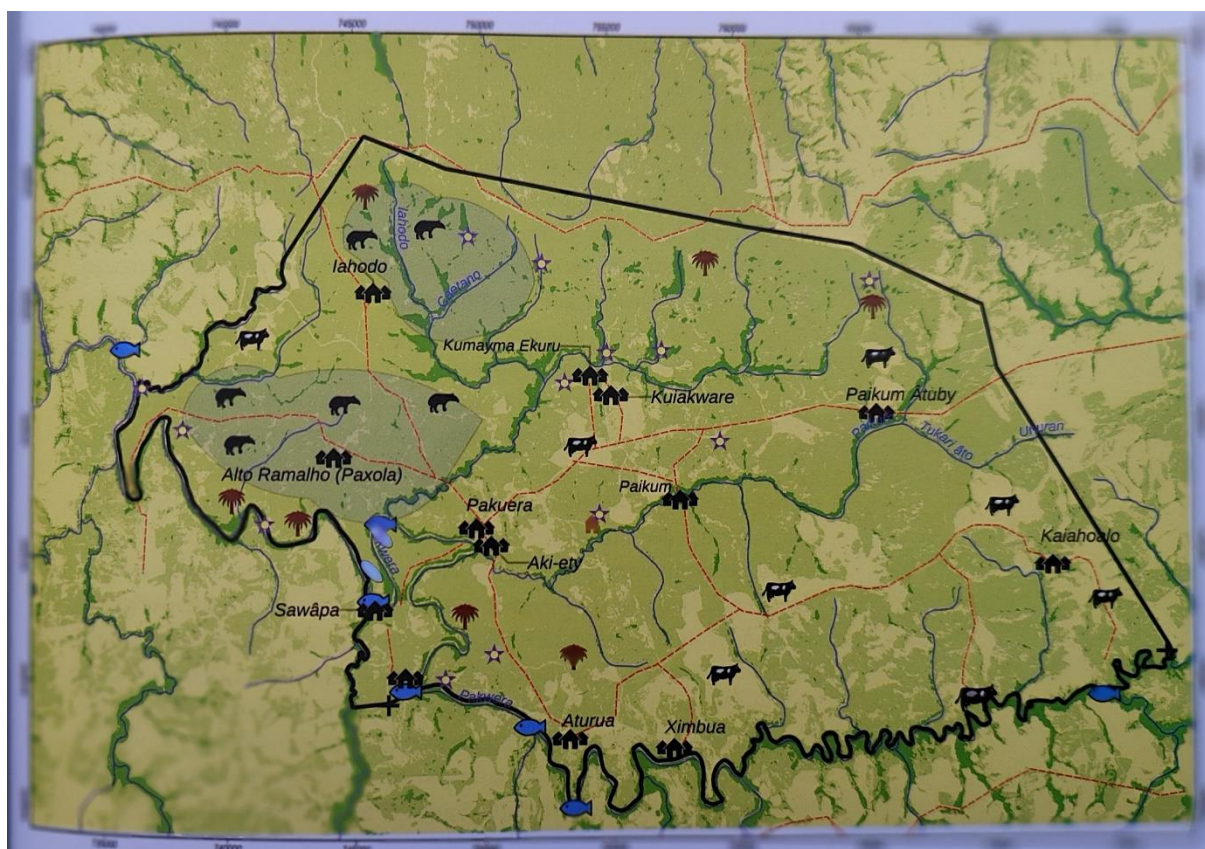
Os Bacaeris são índios que habitam as cabeceiras do Tapajoz e do Xingu em Mato Grosso. Seu nome, que primeiro aparece em roteiros dos bandeirantes de princípios do século XVIII, encontra-se posteriormente repetido em narrativas de viagens, compêndios e notícias avulsas de jornaes. Desde 1884/85 voltou-se para elles a curiosidade do mundo scientifico, que bem merecem pela lingua que falam, grupo ethnographico a que se filiam, costumes característicos que conservam dupla face por que se apresentam, já domesticados no Tapajoz, ainda perfeitamente selvagens no Xingu (Capistrano de Abreu, 1938).

Para outros pesquisadores como Barros (1994), que menciona *Steinen* em sua nota dizendo que os Bakairi se dispersaram a partir do lugar que consideram como berço mítico de origem salto Sawâpa – situada abaixo da confluência do rio Verde com o rio Paranatinga, mais tarde se dividindo em dois grupos. Os Bakairi que hoje habitam no município de Paranatinga já foram conhecidos na época como os “Bravos ou orientais” que se isolaram no Alto Xingu.

⁴ Fonte: DSEI/Polo Base de Saúde Pakuera/SIASI/SESAI/ Data do senso 14/06/2023.

Os Bakairi que hoje habitam a Terra Indígena Santana, no município de Nobres, eram conhecidos como os “mansos ou ocidentais” (que na época tiveram o primeiro contato e convivência com pessoas não indígenas e fazendeiros), absorvidos como mão-de-obra pela sociedade colonial desde o século XVIII (Barros, 1994, p. 257).

Figura 5: Mapa Terra Indígena das aldeias Bakairi do município de Paranatinga-MT.



Fonte: Etnomapeamento do Povo Kurâ Bakairi (2016).

O Povo Bakairi do Município de Paranatinga-MT vive em uma Terra Indígena localizada ao norte do Estado de Mato Grosso, aproximadamente a 600 km da capital Cuiabá-MT. Nesta Terra Indígena (T.I), nos dias atuais, somando chega a aproximadamente 793 pessoas⁵. As pessoas mantêm firme e forte a sua cultura e tradição, como dança de Kado, o Ritual das *Iakuigady*, além de fabricarem suas próprias ferramentas de trabalho, caçam com arco e flecha, e ainda têm mantida sua alimentação tradicional como carne de caça, peixe e fazem suas bebidas tradicionais não fermentadas, como chicha ou mingau de arroz, de milho, de mandioca, entre vários outros alimentos tradicionais do povo Bakairi.

⁵ Fonte: DSEI/Polo Base de Saúde Pakuera/SIASI/SESAI/ Data do senso 14/06/2023).

Atualmente, a aldeia Pakuera é composta por 93 famílias, somando 281 pessoas, de crianças até pessoas adultas⁶. Sua renda vem do trabalho assalariado da escola municipal, a escola estadual, dos funcionários da saúde e dos funcionários da FUNAI. A comunidade da aldeia Pakuera, assim como as demais desta Terra Indígena, vive de pequenos plantios e criação de gado, ou seja, da agricultura e pecuária. Pakuera é a aldeia central do povo Bakairi do município de Paranatinga. Nesta aldeia há a casa sagrada mais conhecida como casa dos homens Kado Ety (veja a figura abaixo), e nesta casa a entrada só é permitida a homens, mulheres não podem de maneira alguma adentrar esta casa. Segundos ensinamentos dos Bakairi, se a mulher entrar na casa dos homens perde todo respeito da comunidade, pois viola o direito sagrado dos homens, assim como os homens também respeitam o ritual das mulheres que não podem ver, ou seja, os direitos entre os Bakairi homens e mulheres são iguais e precisam ser respeitados. Também no centro da aldeia há uma igreja católica, um centro de lazer conhecido como lar dos idosos e um barracão para realizar reuniões e eventos. Veja parte da aldeia na figura 6.

Figura 6: Centro da Aldeia Pakuera



Fonte: Arquivo do Autor (2022).

O contato da cultura do povo Bakairi com a cultura não indígena, conforme a linha do tempo do Etnomapeamento Kurê Bakairi (2016, p. 18), aconteceu nos anos de 1723.

⁶ Fonte: Cacique da aldeia Pakuera, 2024.

Desde essa época, mais de 300 anos de contato, o povo Bakairi sempre esteve em defesa da sua autonomia e da sua independência sociocultural. É importante dizer que o povo Bakairi sempre praticou sua cultura e tradição, como a dança de Kado, cantam na língua, praticam seus rituais a exemplo do Ritual das Máscara Sagradas *Iakuigady*, que é uma tradição forte que emociona o povo Bakairi por sua beleza natural, pois da espiritualidade e da profundidade da água trazem em sua máscara traços geométricos, as suas pinturas naturais extraídas da própria natureza, as cores branco, preto e vermelho, e seus cantos, cada qual com suas pinturas e cantos. Veja na figura 7 a pintura da Máscara *Iakuigady* Nawiri.

Figura 7: Ritual Sagrado das *Iakuigady*



Fonte: Arquivo do Autor (2013).

O ritual das *Iakuigady* é um aspecto cultural autêntico do povo Bakairi. No Ritual, há dois tipos das Máscaras Sagradas: em forma quadrada, que é chamada de *Iakuigady* e essa máscara quadrada tem a posição de seriedade, respeito na cultura Bakairi. Tem também a *Kuamby*, máscara em forma oval que é a mais brincalhona. Ela tem o objetivo de auxiliar a máscara quadrada *Iakuigady* para que nada aconteça (tropeços) no seu percurso até a casa do seu dono, ou seja, auxilia *Iakuigady* para que nada de mal lhe aconteça.

Segundo a história que os mais velhos contam sobre as *Iakuigady*, tanto as máscaras quadradas quanto as máscaras ovais pertencem a uma família como se fosse um filho. Assim comenta Peruare:

Ser dono de uma máscara sagrada é privilégio para poucas famílias. Aquelas que são donas, são consideradas famílias tradicionais. Por isso, também o dever de cuidar com orgulho de sua máscara é sagrado para os donos, até o dia em que a entidade volta para o rio (Peruare, 2012, p. 24).

1.2 A educação escolar do povo Bakairi

O que se sabe da história é que a educação do povo Bakairi teve início a partir do ano de 1922. Porém muito antes da implantação da escola, em 1882, já havia um indígena sendo mencionado por um líder do grupo que liderava a expedição, e a partir deste ano as mudanças aconteciam. Em 1923 foi implantada a primeira escola, e em 1942 foi construído o prédio onde até hoje é localizada a escola (Taukane, 1999, p. 95-97).

O ensino e a aprendizagem naquela época não eram nada planejados para a realidade do povo, pois a educação era rígida a ponto de haver castigo e palmatória a quem desobedecia às normas. Muitos alunos Bakairi naquela época tinham medo, e isso dificultava a aprendizagem (Taukane 1999, p. 109). Embora os Bakairi tivessem poucos conhecimentos da língua portuguesa, eles possuíam habilidades e muita capacidade de aprender, e com isso vários indígenas se destacaram e puderam ser intérpretes no diálogo entre um Bakairi e um falante da língua portuguesa.

A educação escolar do povo Bakairi teve seus momentos de desafios e de conquistas no seu desenvolvimento sociocultural e econômico. A antiga e a primeira escola Jose Pires Uluko, antes denominada de escola rural mista, fez parte do regime da ditadura, impondo várias agressões físicas e emocionais aos Bakairi. Ao longo de sua existência, o povo Bakairi tem sua resistência e vem se fortalecendo, priorizando sempre a questão da reafirmação da identidade.

Figura 8 – Antiga escola José Pires Uluku (localizada na Aldeia Pakuera)



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Segundo Taukane (1999), nos anos de 1955, 1959, 1960 e 1961 não houve aula por falta de professores e assim a educação escolar do povo Bakairi foi sendo ministrada de forma fragmentada, ou seja, os professores que lecionavam naquela época eram servidores da Serviços de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais - S.P.I.L.T.N, que vinham no início do ano e ficavam alguns meses na aldeia ministrando aula, mas logo voltavam para suas casas, em cidades como Cuiabá - capital de Mato Grosso, isso dificultava em muito o ensino e a aprendizagem.

O povo Bakairi é persistente e está sempre em busca das melhorias para sua comunidade e vem se destacando desde o seu contato com os colonizadores até os dias atuais. Também por sua luta e persistência teve um grande êxito na sua longa caminhada, cheio de obstáculos e de tropeços, porém com tudo isso soube se politizar muito rápido e com eficácia.

Após a promulgação da Constituição Federal de 1988, um ano após, as lideranças Bakairi se reuniram para traçar uma meta para o desenvolvimento da sua comunidade. Uma das metas era a construção de uma escola para que os alunos Bakairi pudessem estudar do ensino infantil ao ensino médio na própria aldeia. As reuniões entre as lideranças foram cada vez mais avançando, a fim de que a comunidade Bakairi pudesse ter a sua escola e ser administrada pelos próprios Bakairi. Foi uma luta que levou muito

tempo para se concretizar a ação da construção de uma escola votada para a realidade do povo Bakairi.

Em 1989 já existia escola, mas a falta dos professores Bakairi fez com que as lideranças tivessem outras reuniões e se mobilizassem novamente para que contratassem os professores Bakairi nas seguintes aldeias: Aldeia Pakuera, onde a minha pesquisa foi realizada, Aldeia Paikum, onde a escola funciona o ensino infantil até o quinto ano, Aldeia Aturua, em que funciona o ensino infantil do primeiro ao quinto ano, e atualmente funciona a escola estadual do ensino fundamental ao ensino médio; Aldeia Kaiahoalu, que ainda oferta apenas o ensino infantil do primeiro ao quinto ano; Aldeia Monte Paxola (hoje denominada de aldeia Alto Ramalho) que até o ano de 1990 estava em funcionamento com ensino infantil (atualmente a escola desta aldeia Alto Ramalho se encontra desativada). Por essa época todos os professores que atuavam na sala de aula eram leigos, não eram habilitados para fins educacionais, mas sabiam perfeitamente falar a língua portuguesa e isso contribuiu para que atuassem na sala de aula como professor de ensino, mesmo tendo como formação escolar apenas o básico (Taukane, 1999).

Atualmente, algumas das primeiras escolas existentes acima citadas entre o povo Bakairi estão ativas – a escola da aldeia Paikum, a escola da aldeia Aturua, da aldeia Kaiahoalu e a escola da aldeia Pakuera. Na Aldeia Pakuera, atualmente, existe um prédio escolar e neste prédio funciona duas escolas, sendo uma do município que é a Escola Municipal Indígena José Pires Uluku, que tem ensino do primeiro ao quinto ano da educação; e a do Estado, a Escola Estadual Indígena Kura Bakairi, que tem o ensino fundamental e o ensino médio. Mas a escola também abre espaço para aqueles que queiram estudar, que têm interesse em terminar pelo menos o ensino médio. Então a escola, percebendo essa demanda de interesse dos Bakairi, solicitou junto ao órgão competente, Secretaria do Estado de Educação – SEDUC /MT, para abrir no sistema o Ensino de Jovem e Adulto – EJA.

Veja no quadro abaixo, as aldeias e as escolas ativas atualmente, onde existem escolas municipal e estadual.

Quadro 1 – Apresentação das primeiras escolas na Terra Indígena do povo Bakairi, 2023.

Aldeia	Escolas municipal e estadual	Município	População/2023	Alunos (as) em 2023
Pakuera	EEI /EMI	Paranatinga-MT	281	104
Aturua	EEI /EMI	Paranatinga-MT	148	34
Paikum	EMI	Paranatinga-MT	96	22
Kaiahoalu	EMI	Paranatinga-MT	69	15
Sawâpa	EMI/anexa	Planalto da Serra - MT	23	04

Fonte: Escola Estadual Indígena Kura Bakairi (2024).

No ano de 1994 teve início a formação dos professores Bakairi com o projeto Tucum⁷ com objetivo de formação em magistério.

O Projeto Tucum foi um Curso de habilitação para o magistério, realizado de forma parcelada, na modalidade de suplência, que teve por meta formar professores indígenas, possibilitando-lhes o ingresso na carreira do magistério e no plano de cargos e salários, sem prejuízo das comunidades indígenas. Ou seja, sem que se ausentem das salas de aula nos períodos regulares do calendário escolar, que segue o mesmo padrão das escolas rurais não indígenas. Através dele se propõe, dentre outras coisas, ofertar a esses professores a possibilidade de ter acesso e desenvolver formas de conhecimento, advindas de formações culturais diversas, tomando por base a própria cultura, para que os professores cursistas conhecessem e controlassem bem a variedade de padrões culturais e de conhecimentos, ampliando a sua compreensão crítica da realidade e sua capacidade de atuação sobre ela (TUCUM, 1995, p. 24).

A luta das lideranças e dos caciques Bakairi para a implantação da escola foi muito importante para que o povo Bakairi pudesse conquistar autonomia no que se refere à educação escolar dentro da aldeia. Embora sejamos cientes de que a lei é igual para todos nós brasileiros, existe a interpretação da lei, e nessa interpretação é que exigimos as

⁷ TUCUM: Espécie de palmeira (*Bactris sedosa* Mart.). Palmeira rasteira, espinhosa característica dos campos e cerrados no médio norte do Estado de Mato Grosso. Suas folhas fornecem excelente e resistente fibra que é utilizada pelos indígenas na confecção de redes, cordas, barbantes e na tecelagem de peças artesanais. Seus frutos também são usados na confecção de peças artesanais. Sua resistência pode ser comparada à resistência dos povos indígenas”. Daniel Matenho Cabixi (Projeto Tucum, 1996, p. 6).

nossas especificidades, respeito e fortalecimento da nossa identidade sociocultural do povo Bakairi (Constituição Federal de 1988, em seu Art. 231, Art. 210 §2º e na LDBEN Lei nº 9394/96 Art. 78).

A partir do ano 2000, o povo Bakairi avançou e teve muitas conquistas. Conquistou escolas com toda a infraestrutura para o ensino e a aprendizagem dos alunos filhos dos Bakairi e filhos de trabalhadores das fazendas vizinhas, pois entendemos que a educação é dever do estado e é um direito de todos (Art. 205 da Constituição Federal 1988). No ano de 2000, o povo Bakairi foi contemplado com a instalação de uma escola com toda a infraestrutura, sendo que, em 2006, foi inaugurado o prédio escolar contendo duas salas de aula, uma sala para administração e dois banheiros. Sem dúvida, isso foi um avanço na luta. E assim foram sendo construídos mais cinco salas de aula. Mais adiante, foram construídas uma sala de administração, duas salas de aula, um banheiro feminino e um banheiro masculino.

Figura 9: Nova escola na aldeia Pakuera – E.E.I Kura Bakairi



Fonte: Arquivo do Autor (2023).

A educação tradicional do Povo Bakairi se faz em maior parte pela oralidade. Na cultura sempre existiu a tarefa masculina e a feminina, porém há um ponto muito especial que os Bakairi sempre preservam – a liderança feminina, que é mantida nos dias atuais, por exemplo o casamento tradicional do povo Bakairi, que sempre acontece por iniciativa da família da mulher. O casamento só é consumado se a família da noiva for favorável

para que aconteça o casamento. Após a consumação do noivado, o ritual do casamento acontece sempre na casa da noiva, ou seja, o noivo é levado para a casa da noiva para que assim seja feito o casamento.

Partindo do princípio da liderança feminina entre os Bakairi, podemos notar que as mulheres Bakairi sempre estão buscando seus espaços de igualdade entre os homens Bakairi, como profissional da saúde e profissional da escola. Exemplo do que acontece na Escola Estadual Indígena Kura Bakairi que tem a presença feminina, tanto como docente quanto gestor, e todas com a escolaridade de nível superior, graduação e pós-graduação. Algumas com título de mestrado e doutorado.

Veja na figura 10 os professores e professoras da escola.

Figura 10: Marinho Uluco Xerente com professores na escola



Fonte: Arquivo do autor (2023).

De acordo com a foto acima, faço um quadro de todos os professores que atuaram e atuam na Escola Estadual Indígena Kura Bakairi. Alguns já atuaram na direção escolar, na coordenação pedagógica e também na secretaria escolar.

Quadro 2: professores e a formação acadêmica

Professor/a	Formação	Pós-graduação	Cargo
Aginaldo Rondon Kogapi	Pedagogia	Educação Infantil e Letramento Global	Professor
Alinor Aiakade Kaluiava	Língua, arte e literatura	Educação escolar Indígena/UNEMAT	Professor
Apolônio Apiaga	Língua, arte e literatura	Educação escolar Indígena/UNEMAT	Professor
Aldo Maurapi Pauaka	Ed. Física		Professor
Arlindo Rondon Kogapi	Ciência nat. e Mat.	Educação escolar Indígena/UNEMAT	Já foi Professor/diretor
Evandro Mahuaiawa	Ciência nat. e Mat.	Educação escolar Indígena/UNEMAT	Professor
Edna Sales Apayga	Pedagogia	Psicopedagogia Clínica	Professora
Isabel Teresa Cristina Taukane	Comunicação social/	Mestra e Dra.	Professora em 2023 na E.E.I Kura Bakairi
Jessica Ewãiro Kavopi	Gestão em Recurso Humanos		Diretora em 2024
Jucimar Ipaikire Rondon	Bacharel em Arquitetura		Secretario escolar
Luís Carlos Tawi Matrin	Língua, arte e literatura		Professor/diretor
Leidiane Iucaniru Pauaka	Pedagogia	Psicopedagogia	Professora
Magno A da Silva	Economia bacharel	Educação escolar Indígena/UNEMAT, e gestão ambiental	Professor
Marceni M Apacano	Ciência nat. e Mat.		Professor
Marinho Uluco Xerente	Pedagogia	Especialização em educação especial e pós incompleto em mestrado UNEMAT	Já foi Professor/coord. Diretor da E.E.I Kura Bakairi
Márcio Alua Madicai	Língua, arte e literatura	Educação escolar Indígena/UNEMAT	Professor
Reginaldo I Xerente	Ciências sócias	Educação escolar Indígena/UNEMAT	Professor
Valdomir Ianu	Ciência nat. e Mat.	Educação escolar Indígena/UNEMAT	Já foi Diretor e Professor
Valquiria Apanumagalo	Pedagogia Intercultural		Atualmente no ano de 2024 Coord. Pedagógica
Vania Auwalo Kuiwyre	Ensino médio		Professora em 2024 na escola Estadual Indígena Kura Bakairi

Fonte: Secretaria da Escola Estadual Indígena Kura Bakairi (2023).

De acordo com o quadro acima, todos são indígenas Bakairi e falantes da língua Bakairi. Alguns já têm mais de 20 anos de trabalho na E.E.I Kura Bakairi.

1.3 A escola Kura Bakairi e seus desafios na contemporaneidade

A Escola Estadual Indígena Kurâ Bakairi está localizada na Terra Indígena Bakairi, aldeia Pakuera, município de Paranatinga-MT, foi criada em 14 de março de 2006. A construção da escola foi pensada a partir da demanda e da necessidade do povo Kurâ Bakairi. Muitos dos jovens com idade para o Ensino Fundamental e Médio saíam para a cidade, por necessidade de continuar os estudos, pois na escola da aldeia Bakairi não teriam como prosseguir, já que não havia, nessa época, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Devido a essa demanda crescente dos alunos que moram na aldeia Bakairi, as lideranças locais se reuniram para lutar e conseguir uma escola para suprir a necessidade de os filhos Bakairi estudarem na sua própria aldeia, e também com o intuito de fortalecer ainda mais o ensino da língua materna Bakairi na comunidade. É importante lembrar que antes de existir a Escola Estadual indígena Kura Bakairi, na aldeia Pakuera, já existia a escola municipal denominada Escola Municipal Indígena José Pires Uluku, que oferta o ensino da primeira à quarta série.

No ano de 2001, houve então a necessidade de priorizar a qualificação e a formação dos professores indígenas Bakairi, para atuarem na escola na aldeia. A partir de então, os professores (as) priorizaram suas formações acadêmicas, pois muitos dos que atuavam tiveram formação na UNEMAT – Barra do Bugres-MT, no Terceiro Grau Indígena, um projeto de formação específica voltada para a realidade de educação escolar dos povos Indígenas. A partir desse novo momento, na escola Estadual Indígena Kura Bakairi, as aulas começaram a ser ministradas tanto na língua materna Bakairi quanto na língua portuguesa, ou seja, de forma bilíngue. Isso ainda é um desafio, mas acima de tudo é valorizar, priorizar e fortalecer a identidade desse povo.

Hoje, após 16 anos de criação, a escola Estadual Indígena Kura Bakairi já oferta Ensino Fundamental, Ensino Médio e também a Educação de Jovens Adultos (EJA), com ensino da língua materna, no qual os professores passam a dar aula de forma bilíngue. A escola Kura Bakairi é aberta a todos aqueles que necessitam estudar, tanto para os Bakairi quanto para os não Bakairi, ou seja, filhos de trabalhadores das fazendas vizinhas podem se matricular nesta escola, seguindo todas as orientações legais da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, e também respeitando de acordo com nosso Projeto Político Pedagógico – PPP – a cultura do povo Bakairi.

Partindo de um olhar da escola específica e diferenciada, a nossa escola vem fortalecendo o ensino bilíngue em sala de aula. Quando me refiro à especificidade, falo do ensino bilíngue e do respeito à cultura, que são garantidos na Constituição Federal de 1988, em seu Art. 231, Art. 210 §2º e na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional - LDBEN Lei nº 9394/96 Art. 78. Tendo em vista esse contexto, a nossa escola tem fortalecido o ensino da língua Bakairi e o ensino bilíngue, onde se ensina em duas línguas, pois entendemos que a identidade de uma escola indígena necessita de uma política de valorização da língua indígena bem estabelecida.

A qualidade do ensino de línguas ofertadas nas escolas Bakairi, de maneira geral, tem sido motivo de críticas por parte de diversos setores da sociedade. Esse fato ocorre pelo motivo de que primeiramente as escolas proibiam os alunos de falar a sua língua materna indígena e até mesmo de praticar a sua cultura e tradição. Podemos observar que algumas etnias do estado de Mato Grosso perderam totalmente a sua cultura, principalmente suas línguas, ou há uma relativa precariedade no domínio da língua materna oral e escrita. Mas este cenário teve uma mudança bem positiva a partir do ano de 1988, quando a Constituição Federal foi promulgada.

A escola é considerada muito importante por todos nós Bakairi. Os mais velhos diziam que “precisamos estudar, nossos filhos precisam estudar, ser alguém na vida para falarmos de igual para igual com os “brancos”. Felizmente a realidade para os Bakairi no seu modo de pensar mudou significativamente, principalmente em relação à escola, que através da educação escolar, nós, os Bakairi, mantemos firmes e fortes a nossa cultura e tradição. Não somos cem por cento tradicional nos dias atuais, mas em grande parte o nosso povo fala a sua língua materna em todas as fases da vida, seja quando criança, jovens ou adultos. A escola que queremos para o futuro é uma escola que seja mais eficiente politicamente e que respeite nossos direitos constitucionais. Só assim exerceremos todas as nossas especificidades com garantias de uma educação de qualidade.

1.4 A contribuição da escola na manutenção e fortalecimento da cultura

A história da educação escolar do povo Bakairi, como vimos no capítulo anterior, iniciou-se a partir do ano de 1922, e com a implantação da primeira escola em 1923, e em 1942 foi construído o prédio onde se localiza a escola Kura Bakairi (Taukane, 1999, p.

95, 97). Há ainda um relato mencionado por Aryane da Silva (2017, p.78) dizendo que “ao irem para a roça, os Bakairi praticavam sua cultura, o que contribuiu para sua manutenção, e posteriormente, revitalização”, isso ocorreu devido à proibição de praticar a língua, já que tinham que apenas falar em português, pois do contrário preservaria a cultura e a tradição.

O Projeto Político Pedagógico da escola Estadual Indígena Kura Bakairi ressalta a importância do fortalecimento da cultura, que todos precisam priorizar a nossa cultura dentro e fora da sala de aula, pois uma escola indígena para ser diferenciada precisa ser diferenciada em todos os sentidos, sobretudo em se tratando de sua metodologia e qualidade de ensino, além da própria aprendizagem. Nesse sentido a nossa escola vem trabalhando e adotando as especificidades que a Lei nos garante no reconhecimento da nossa língua, crença, cultura e forma de organização (Brasil, 1988. Art. 231).

De acordo com o processo histórico, o povo Bakairi vem resistindo para que a sua cultura e tradição não se percam no tempo, e assim também é a política e a filosofia da nossa escola, incentivar o fortalecimento da cultura. Os Bakairi vêm lutando incansavelmente para manter a cultura e a tradição vivas, principalmente entre crianças e jovens. Assim, em sua pesquisa, Taukane (2019, p. 99) reforça a importância da escola para o fortalecimento da cultura principalmente entre os jovens Bakairi.

A gestão, a coordenação pedagógica e os professores praticam e incentivam os alunos a praticarem as atividades culturais na escola, pois acreditam em uma educação diferenciada tanto culturalmente quanto politicamente, com garantias dos direitos de ensinar do nosso jeito. Podemos ver na figura 11 abaixo uma apresentação cultural na formatura do Ensino Médio.

Figura 11: Atividade cultural na formatura do Ensino Médio (2023)



Fonte: Arquivo do Autor (2023).

A Escola Estadual Indígena Kura Bakairi, em seu Projeto Político Pedagógico, vê a importância do fortalecimento da cultura, no sentido de que as escolas precisam priorizar a cultura dentro e fora da sala de aula, pois uma escola indígena precisa ser diferenciada, sobretudo na qualidade de ensino, aprendizagem e cultura. Sendo assim, a nossa escola vem trabalhando e adotando as especificidades que a Lei nos garante.

CAPÍTULO II

A LÍNGUA BAKAIRI E O SEU ENSINO NA ESCOLA DA ALDEIA

A língua Bakairi é falada pelo povo Bakairi que habita a região do Mato Grosso, Brasil. A preservação e o ensino dessa língua têm se tornado uma questão importante para a comunidade, especialmente no contexto da escola da aldeia Pakuera. Neste capítulo, abordaremos o contexto da língua Bakairi, a importância de seu ensino na escola da aldeia, os desafios enfrentados nesse processo e as estratégias que podem ser adotadas para promover o ensino da língua e o seu fortalecimento.

2.1 A língua Bakairi e um pouco do seu histórico

A língua Bakairi é falada pelos Bakairi, povo indígena do Estado do Mato Grosso. Essa língua pertence à família linguística Caribe e faz parte do patrimônio cultural e identitário do povo Bakairi. Evandro Bonfim (2017) afirma que:

[...] para os Bakairi – povo de língua Karib que vive no Centro-Oeste do Brasil – os não humanos falam uma língua plena, o *Anguido Itanro*. *Anguido* são os seres primordiais que viviam na época quando tudo era escuridão (Bonfim, 2017, p. 31-32).

Ainda ressalta que:

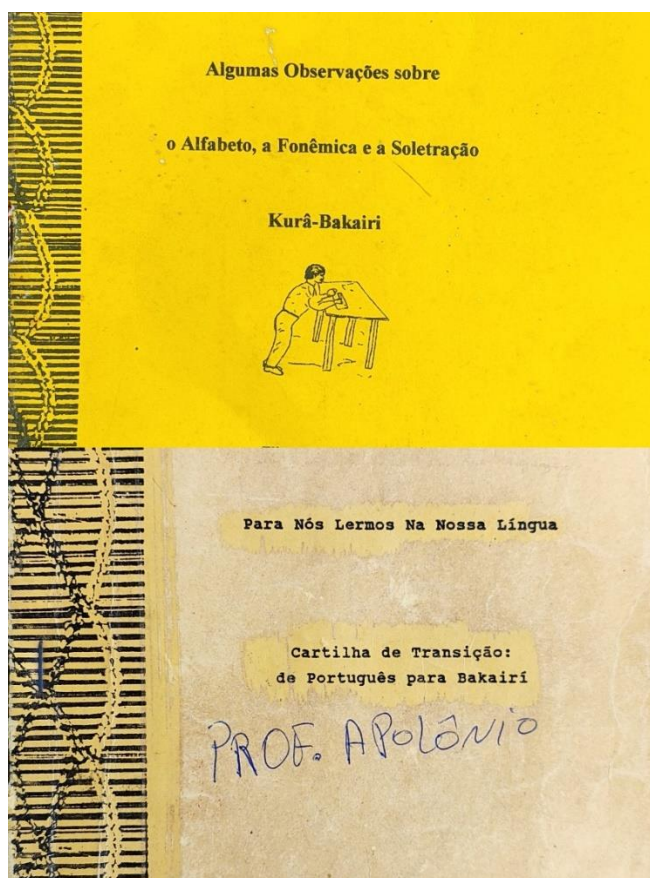
Outros não humanos como as máscaras animadas pelos espíritos *Iamyra* usam a mesma língua dos Bakairi, o *Kurâ Itanro* (língua de gente), ao entoar canções que organizam a vida moral do povo durante a cerimônia do *Kado* (Bonfim, 2017, p. 31-32).

A língua desempenha um papel fundamental na comunicação e transmissão de conhecimentos ancestrais, além de ser uma forma de preservar a cultura e fortalecer a identidade de um povo. O ensino da língua Bakairi na escola da aldeia é de extrema importância para a preservação e valorização da cultura e identidade do povo Bakairi. Ao ensinar a língua étnica, a escola contribui para o fortalecimento da autoestima e para o sentimento de pertencimento das crianças e jovens Bakairi a sua comunidade. Além disso, o ensino da língua Bakairi permite a transmissão dos conhecimentos tradicionais e a preservação do patrimônio cultural do seu povo, fornecendo uma base sólida para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos estudantes.

Os Bakairi tiveram a resistência e lutaram para manter sua língua firme e forte, a fim de que as novas gerações pudessem presenciar e dar continuidade a sua manutenção. Assim, para Souza (1999, p. 56), “estes fazem questão de só se expressar em Bakairi. Está dentro de seus propósitos não só não “perderam” a língua, como também cultivaram a certeza de que nenhum karaiwa sabe Bakairi como eles”. De acordo com Taukane (1999, p. 97), “os Kurâ Bakairi conheceram a escrita e a educação escolar antes mesmo da implantação de qualquer escola entre eles”. Ainda, segundo fontes escritas por pesquisadores, em 1882 já havia indígenas Bakairi atuando com os bandeirantes na época de contato nessa região de Paranatinga.

Conforme a história, a primeira escola foi construída para os Bakairi no ano de 1942, onde a escola Kura Bakairi se encontra localizada. Nessa época, os Bakairi começaram a estudar em uma escola construída em alvenaria, porém o ensino ainda era ministrado em maior parte na língua portuguesa. Taukane (1999) afirma que na década de 60, a ação missionária *Summer Institute of Linguistics* – SIL teve um papel muito importante, principalmente na construção de registros da escrita em língua Bakairi. A partir desta ação do SIL, de registrar a escrita em língua Bakairi, foi então produzido um material e transformado em histórias em quadrinhos. A partir do registro da escrita da língua Bakairi foi feita a tradução de livros bíblicos. O trabalho era dedicado exclusivamente à evangelização indígena, com intuito de produzir a palavra de Deus na língua Bakairi. No trabalho voltado à ação pedagógica, foram produzidas cartilhas. Esta cartilha ainda é usada por professores que ministram aula de língua materna Bakairi.

Figura 12: Cartilha produzida por SIL



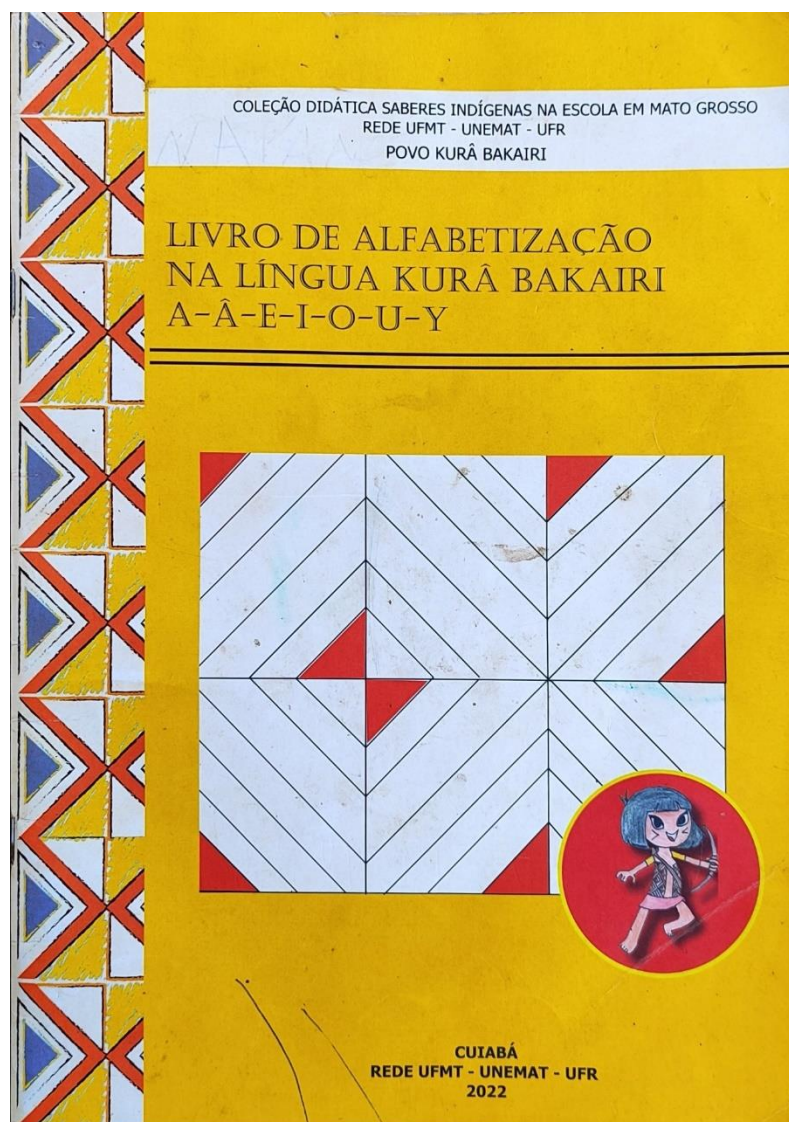
Fonte: Apolônio Apiaga (2024).

Esta é o material (figura 12) produzido pelo SIL que ainda é utilizado por professores nos dias atuais, pois há poucos materiais escritos disponíveis na língua Bakairi. Atualmente, o material pedagógico para o ensino de língua materna que se tem na escola é uma obra dos trabalhos acadêmicos do Projeto 3º Grau Indígena⁸ da UNEMAT, e livros produzidos em parceria com as universidades UFMT, UNEMAT, UFR. Nesse sentido, há uma necessidade de mais produção de livros didáticos, livros específicos para cada série ou turma em língua Bakairi.

⁸ 3º Grau Indígena foi um Projeto de cursos de Licenciatura Específicos para a Formação de Professores Indígenas do Estado de Mato Grosso. Teve início nas discussões do ano de 1997. Assim, no primeiro vestibular foram aprovados 200 professores indígenas de 36 etnias e 11 estados da federação em cursos de três licenciaturas: Ciências Matemática e da Natureza, Línguas Artes e Literaturas; e Ciências Sociais (Januário, 2002, p. 02).

Disponível em: < <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/3458/2754> > Acesso em: 25 julho, 2024.

Foto 13: livro de alfabetização em língua Bakairi



Fonte: Escola José Pires Uluku (2024).

Partindo de um novo olhar acerca da valorização da língua Indígena, esta pesquisa foi de suma importância para todos os Bakairi, principalmente para a escola localizada na Terra Indígena Bakairi de Paranatinga MT. A escola necessitava de um material de ensino da língua Bakairi, o nosso trabalho foi, então, potencializar o ensino de língua Bakairi na escola e, nessa perspectiva, o Produto Educacional produzido foi um suporte a mais para o fortalecimento da língua e a escrita do povo Bakairi, sobretudo na afirmação da identidade do povo Kurâ Bakairi.

2.2 Políticas linguísticas e ensino de língua materna na escola

De acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 210 e parágrafo 2, foi assegurado aos povos Indígenas o direito à educação, reconhecendo a utilização das línguas nativas e dos processos próprios de aprendizagem, além da proteção às suas manifestações culturais (Taukane, 1999). Com a garantia da Lei, as aulas da escola na terra indígena Bakairi passam a ser ministradas também na língua Bakairi. Na sala de aula, os professores ensinam as duas línguas: português e Bakairi, daí se diz ensino “bilíngue”. O ensino bilíngue se faz presente em nossa escola desde a sua criação para o povo Bakairi, os livros que adotamos em sala de aula são aqueles que os não indígenas escreveram, mas o que se faz é a tradução e a explicação na língua materna para todas as disciplinas.

Ensinar na escola Kura Bakairi não é tão fácil como se imagina ser, muitas vezes a visão exterior põe em xeque a forma de ensinar na escola, pois o que se imagina é que a língua do povo Bakairi seja uma língua enfraquecida (acabada), mas é importante enfatizar que o povo Bakairi permanece mantendo a sua cultura e tradição, sempre priorizando seus conhecimentos ancestrais e do seu mundo (Barros, 1994, p. 257).

Hoje, nós professores indígenas Bakairi, temos uma visão diferente em relação ao ensino e aprendizagem, sobretudo na escola indígena. Utilizamos nossa língua para ler, escrever e fazer a explicação das aulas. Muitas vezes as disciplinas que ministramos são escritas em português, mas em muitos casos a explicação na língua Bakairi se torna mais fácil para a compreensão dos alunos a respeito de um determinado assunto, seja do livro didático ou até mesmo um assunto de reunião das lideranças. Percebemos que não é fácil enfrentar novos tempos e, com isso, os desafios partem dos próprios professores Bakairi, que buscam aperfeiçoar a sua formação.

A crítica em relação ao uso da segunda língua é que a língua portuguesa na escola Indígena, muitas vezes tem uma direção equivocada, pois o interesse dos alunos Bakairi também é aprender uma segunda língua, seja a portuguesa ou a inglesa. Ou seja, aprender a segunda língua, e nós professores, na atualidade, procuramos, da melhor forma, garantir que isso seja possível sem perder o valor da língua Bakairi.

Na Escola Estadual Indígena Kura Bakairi as disciplinas são ministradas em duas línguas, a língua Bakairi e a portuguesa, porém a disciplina da língua materna é ministrada em Bakairi, e o professor que a ministra precisa conhecer e dominar muito bem a leitura

e escrita da língua Bakairi, pois as crianças Bakairi já vêm para escola falando sua língua, por esta questão qualquer professor que ministrar aula de língua materna precisa ter domínio da língua Bakairi. Por outro lado, desde cedo a criança Bakairi também aprende a falar a língua portuguesa e, nesse caso, a escola contribui para que ela possa desenvolver mais a sua escrita e leitura na língua Bakairi. A língua portuguesa também é ensinada, pois todos acham necessário o domínio da segunda língua.

Sabemos que qualquer língua que não for praticada corre risco de não ser falada, mas na comunidade Bakairi a língua materna é falada e praticada sempre em todos os espaços. Entendemos que a resistência passada só fortalece o reconhecimento da nossa resistência atual em defesa do nosso direito de usar e praticar a nossa língua.

2.3. Ensino na escola antigamente e na atualidade

Segundo Collet (2010, p. 176), “a escola Bakairi atual é um híbrido de elementos variados”, performance e transformação na escola Indígena Bakairi. Ou seja, a transformação da escola se faz por razão de existir a evolução no sentido de os Bakairi terem uma escola de boa aparência no que se refere ao espaço físico. A estrutura predial contém rede de energia elétrica e equipamentos tecnológicos, como computadores interligados à rede de energia e de internet, com sinal *wi-fi*. Porém a autora acima citada insiste em prolongar em seu artigo dizendo que a escola Kurâ Bakairi é meramente um espaço de reprodução, de civilização, ou seja, um espaço que reproduz a ação colonizadora. Embora a escola na visão de Collet (2010) seja um espaço que reproduz a ação colonizadora, para os Bakairi é um espaço de muito aprendizado, onde se aprende a lutar, a se defender politicamente e, acima de tudo, aprende-se a autodenominar como Kurâ, capaz de dialogar de igual com os não indígenas.

Kutaiava (2018) menciona que:

[...] Embora os Kurâ tenham acesso a [...] recursos próprios da sociedade ocidental, a língua, a cultura e tradição ainda são muito fortes entre os Kurâ. Existe um jeito especial de viver Kurâ marcado pela língua falada e pela consciência de identificação com rituais que se atualizam através das danças, dos conhecimentos que exibem os traços culturais que pertencem à coletividade Kurâ (Kutaiava, 2018, p. 22).

A ideia era justamente a de lutar para existir, praticar e fortalecer a cultura, porém a primeira escola, até a década de 80, não era planejada para a realidade Bakairi, pois até

a década de 90, que me lembro muito bem na antiga escola, os professores não indígenas carregavam juntos e mantinham em sala de aula fotos do então Marechal Cândido Rondon, que impunha medo e castigo para alunos desobedientes. Acredito que isso era constrangedor para os Bakairi naquela época, mas não podíamos ir contra.

No ano de 2000, iniciou-se o novo momento, principalmente na educação escolar do povo Bakairi, formação dos professores, graduação e pós-graduação, e a ideia de reproduzir, ou de aceitar, começa a perder força, pois professores capacitados intelectualmente têm a visão de mundo de outro jeito. Acontece que na matriz curricular para escolas indígenas, na parte diversificada além das disciplinas obrigatórias estão as disciplinas que atendem às nossas especificidades e saberes indígenas, como as seguintes: Tecnologia Indígena, Prática Agroecológica e a Prática cultural e Sustentabilidade. Nessas disciplinas citadas, em que nós professores abordamos as nossas especificidades, trabalhamos a realidade sociocultural histórica e econômica. E a parte diversificada também traz a disciplina de língua materna, e a escola Kura Bakairi trabalha a língua local, que é Bakairi.

Aparentemente o ensinar a língua indígena na escola parece ser fácil, sobretudo na língua falada, porém o ensinar a língua indígena requer muito mais atenção, tanto na escrita quanto na pronúncia das palavras, e também os significados que os indígenas trazem em forma de pintura corporal e em seus cantos, ou de vários outros meios que trazem em seu conteúdo, sobretudo no que se refere à língua falada.

Na matriz curricular, a língua materna possui a carga horária estipulada com a duração de cada aula de 60 minutos e a proposta de duas aulas semanais. Nessas duas aulas semanais, dependendo da turma que o professor atuar, é necessário um planejamento de atividades que seja de fácil domínio pelos alunos, ou um planejamento sequencial, no qual o professor possa utilizar o ensino da língua através de gêneros textuais. A partir dos gêneros ligados à questão dos rituais, desenvolver uma sequência de ensino da língua indígena, possibilitando aos alunos aprender a ler e a escrever com mais facilidade. No caso da presente pesquisa, foram utilizados três gêneros para ensinar a língua Bakairi: a entrevista, o canto e a receita culinária, tudo ligado ao ritual das Máscaras Sagradas *Iakuigady*.

Figura 12: Alunos do ensino fundamental



Fonte: Erika Malopyn (2020).

Com todas as estruturas favoráveis para ensinar a língua materna do povo Bakairi nos dias atuais, apresento esta imagem fazendo a comparação de como era o ensino e como está atualmente, especificamente na questão da língua materna. A educação tradicional indígena se faz na oralidade, observando e ouvindo atentamente a contação de histórias. A criança e o jovem ficam atentos ao ensinamento dos pais, à fabricação de artesanatos e/ou utensílios para uso doméstico. Essa é a metodologia de ensino tradicional em uma escola indígena. Na escola indígena Bakairi, o ensino se faz através da leitura e da escrita, em forma de desenho, através da pintura corporal (fazer a pintura real no corpo da pessoa). Cada pintura tem seu significado, tem pintura para homens e para mulheres. Assim se faz o ensino de língua materna na escola na atualidade, ou seja, cada professor faz seu planejamento de acordo com a turma em que atua.

O povo Bakairi vem melhorando sempre para ter a sua autonomia e a sua independência sociopolítica e econômica. Esse é o resultado do esforço dos próprios Bakairi que buscaram se atualizar tanto na sua formação acadêmica quanto profissional. Isso é ser Bakairi contemporâneo.

2.4 O Bilinguismo e o ensino na educação escolar Kura Bakairi

De acordo com Paula (2018), o ensino da língua indígena no Brasil teve uma sequência de obstáculos que trouxeram vários fatores e consequências negativas para as sociedades indígenas, do período colonial aos dias atuais. Para essa compreensão, é necessário entender um pouco sobre bilinguismo subtrativo e aditivo. Para Paula (2018), há dois tipos de bilinguismos: o bilinguismo subtrativo e o bilinguismo aditivo. O subtrativo é aquele em que a língua indígena é desprestigiada. Acontece quando a pessoa deixa de praticar a sua língua priorizando falar uma que não é sua, ou seja, nesse caso é a língua portuguesa. O bilinguismo subtrativo foi meramente propositivo, pois a intenção era justamente integrar a sociedade indígena à comunhão nacional (Estatuto do Índio, Lei nº 6001/1973, art. 50). É muito importante mencionar a relevância desse bilinguismo no tempo da colonização, que na época foi apenas um jeito de os indígenas servirem ao interesse do colonizador.

Já o bilinguismo aditivo é aquele que dá importância e valoriza a ancestralidade, a originalidade da língua indígena. Assim, a prática do bilinguismo aditivo traz para o povo a sua originalidade, a autodeterminação da sua identidade como um povo de uma língua forte dominada por todos da comunidade, principalmente pelas crianças. Com essa perspectiva, compreendemos que o bilinguismo aditivo se refere ao ensino na escola indígena, o ensinar de duas formas, tanto na língua indígena quanto na língua portuguesa. Nós professores, lideranças indígenas e toda a comunidade, compreendemos que é necessário aprender a falar a língua portuguesa, mas também procurar fortalecer a nossa língua é primordial.

É importante lembrar que a Constituição Federal de 1988, art. 210 §2, garante o uso de línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, cabendo ao Estado proteger as manifestações das culturas indígenas. Portanto essa prática é uma forma e garantia do uso de línguas-mãe para povos indígenas. Nos dias atuais, a escola indígena vem fortalecendo a sua cultura e tradição, priorizando uma educação diferenciada e suas especificidades, que em muitos casos a escola faz o papel de revitalizar ou até mesmo resgatar aquele que um dia foi esquecido devido à ação da proibição de falar a língua, ou seja, o bilinguismo subtrativo.

Hoje, nós professores indígenas do povo Bakairi, temos uma visão diferente em relação ao ensino na escola indígena. Em muitos dos casos, a nossa escola, tanto a Estadual

Indígena Kura Bakairi quanto outras existentes no município de Paranatinga-MT, tiveram que se adaptar aos novos desafios, principalmente no que se refere ao ensino da língua Bakairi e da língua portuguesa, ou seja, a prática do Bilinguismo.

A crítica em relação à etnia que fala somente a língua portuguesa para ensinar seus alunos muitas vezes é desnecessária e equivocada, pois ela sofreu o peso da integração imposto na época do contato. Porém, hoje, os professores (as) têm formação acadêmica e licenciatura específica para trabalhar com a educação escolar indígena. Acreditamos que é a melhor forma de se ensinar na educação escolar indígena, usando as duas línguas. Sabemos que foi um processo de muita resistência da nossa ancestralidade desde a época da invasão do nosso território. A resistência passada só vem fortalecendo a nossa existência para que lutemos em defesa do nosso direito e ensino bilíngue na educação escolar.

2.5 Língua e linguagem no RCNEI

O RCNEI traz a questão da língua e da linguagem, além de sua forma e característica própria. Todos nós seres vivos nascemos, crescemos, reproduzimos e morremos, é a lei da vida. Nesse processo, cada ser tem sua forma de linguagem para se comunicar ou se conectar ao outro. A linguagem é a principal fonte de comunicação entre os seres humanos, e acontece de várias formas, seja por meio de sinal, da escrita, desenhos, traços. Portanto é através da linguagem que expressamos nossos sentimentos, emoções, nossos desejos e intenções (RCNEI, 1988), além de outras ações que o ser humano necessita para se comunicar com o outro.

Dar nomes a um objeto, pessoas, enfim, uma expressão necessária da vida. Quando se trata da linguagem para ensinar na escola indígena, a melhor forma é ter um questionamento para saber o que ou qual será a língua aplicada. A partir deste questionamento é possível buscar e aplicar melhor o plano de trabalho em sala de aula.

Esta questão de multilinguístico é muito comum entre vários povos indígenas, especificando aqui indígenas brasileiros, principalmente aqueles povos que vivem na região da fronteira; algumas etnias indígenas possam a usar a língua estrangeira. Se o Brasil é um país tão claramente multilíngue, por que, então, no pensamento da grande maioria dos brasileiros, acredita-se que ele seja monolíngue, que a língua aqui falada é só o português?

Sabemos que a educação escolar para os povos indígenas, na época da colonização, foi meramente por interesse próprio do colonizador, que tinha o intuito de aprender sua língua para dominar os indígenas com maior facilidade. A escola na época dos jesuítas tinha a finalidade de catequizar, dominar o povo indígena, dominar a língua para a tradução de material bíblico, e sem qualquer fundamento específico para fins didáticos. Portanto a educação escolar nesse processo de mudança e de comportamento, sobretudo da cultura e tradição indígena, tem sido um meio que os indígenas buscaram para o fortalecimento da cultura de suas línguas, a fim de colocar a língua indígena no centro do diálogo no meio acadêmico e de pesquisa.

Atualmente, a língua indígena vem ganhando destaque no cenário educacional. Sendo assim, a matriz curricular traz em seu currículo a língua materna, priorizando a língua materna falada de cada povo. O RCNEI (1988, p. 121) menciona que todos os alunos indígenas são cidadãos brasileiros e, como tais, têm o direito de conhecer os documentos para intervir, sempre que necessitarem, em qualquer esfera da vida social e política do país.

É importante ressaltar que as escolas indígenas, por terem suas próprias especificidades, não se diferenciam dos requisitos e princípios básicos da educação, que são direitos de todos (Art. 205 da Constituição Federal de 1988). Diante desta proposição, entendo que a escola indígena tem seu direito de inserir uma ou mais línguas indígenas em seu currículo. Logo, ao adotar a inserção de mais de uma língua indígena, não se trata apenas de se obter conhecimento do pluralismo linguístico, mas de valorizar a própria língua indígena existente em nosso país.

A educação indígena em maior parte acontece de forma oral, ou seja, o domínio da oralidade está no ensinamento do povo indígena. A criança, por exemplo, quando vai pela primeira vez à escola para aprender a ler e escrever, leva consigo uma vasta experiência no que se refere à oralidade do seu dia a dia (RCNEI, 1988, p. 124). Nesse caso, é importante que a criança esteja na escola, assim o professor vai estimulando o desenvolvimento da oralidade para a escrita. É importante ressaltar que a construção da escola na comunidade indígena vem do desejo do próprio indígena. Assim, segundo o pensamento dos povos indígenas, eles irão aprender a ler e a escrever para se defenderem, além de exercerem a cidadania e o acesso ao conhecimento de outras sociedades. Essa expressão se tornou ainda mais forte a partir da Constituição Federal de 1988 cujo art. 231 trata dos direitos fundamentais dos povos indígenas.

O planejamento de aula da língua materna, da escrita e da oralidade, precisa ser bem planejado, pois a criança vai colocando em prática a aprendizagem que adquiriu na escola. E essa prática de escrita obrigatoriamente precisa ser na língua materna. Assim, a valorização da escrita em língua materna, no ensino e na aprendizagem se faz necessário para que alunos possam aprender a ler e a escrever em sua língua.

2.6 Os gêneros textuais e o ensino da língua

De acordo com Travaglia (2002), “o gênero se caracteriza por exercer uma função sociocomunicativa específica”, que nem sempre é fácil especificar, ou seja, o objetivo do texto é atender à necessidade própria de uma interação verbal: ação ou atividade. Os gêneros podem estar ligados a tipos de textos que os compõem necessariamente, ou não, ou a espécies. Conforme Cereja e Cochar (2011), o gênero também tem a finalidade específica e o objetivo próprio de expressar, defender e obter um bom resultado, ou seja, cada gênero tem a sua própria estrutura de ação, seja na linguagem oral ou na linguagem escrita.

Para Marcuschi (2002), os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Ou seja, Marcuschi também diz que os gêneros textuais surgem, situam e interagem, funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Partindo do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, o autor diz que a comunicação verbal acontece por meio de algum texto, isto é, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível a partir de algum gênero textual. Marcuschi (2002) afirma também que os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, antes são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano.

Assim, os gêneros textuais são sistemas semióticos que geram estruturas particulares que, em última instância, são captadas por comportamentos linguísticos mediante registros (Marcuschi; Ventola, 1995, p. 7). Assim, os gêneros são caracterizados por ter o conteúdo, a forma composicional e o estilo (linguagem).

Partindo desta compreensão, o nosso trabalho destaca a importância do uso de gêneros textuais no ensino, considerando sua relevância nos processos de ensino e aprendizagem. Os gêneros textuais desempenham um papel fundamental na comunicação e na construção do conhecimento dos alunos, promovendo a interação e o

desenvolvimento das habilidades linguísticas. Por meio da utilização de diferentes gêneros textuais é possível estimular a criatividade, a reflexão e o engajamento dos estudantes, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Na contextualização do uso de gêneros textuais no ensino, destacamos a importância de proporcionar aos alunos experiências diversificadas de leitura e produção de textos. A abordagem dos gêneros textuais nas aulas de língua materna visa não apenas o desenvolvimento da competência linguística, mas também a formação dos alunos, numa perspectiva de valorização da sua cultura. Ao explorar diferentes gêneros, como entrevistas, cantos e receitas culinárias, os estudantes ampliam seu repertório textual e desenvolvem habilidades comunicativas essenciais para sua vida pessoal e escolar.

CAPÍTULO III

PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA BAKAIRI

Neste capítulo irei apresentar práticas de ensino de língua Bakairi por meio de sequência didática e do uso dos gêneros textuais entrevista, canto e receita culinária. A língua Bakairi é falada por uma comunidade indígena específica, e o ensino dessa língua é de extrema importância para a preservação e fortalecimento da cultura e identidade do povo Bakairi. O trabalho buscou proporcionar um ensino mais efetivo e dinâmico, levando em consideração as características do contexto e os objetivos da pesquisa.

3.1. Sequência didática e ensino

A sequência didática é um conjunto de atividades bem estruturadas e pode ser aplicada de forma articulada. Conforme Araújo (2013), sequência didática é um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais. Nesse sentido, o trabalho sequencial permite que o professor possa organizar a estrutura do seu planejamento de aula, pois o objetivo da sequência também é mostrar para aluno do que trata o tema. Assim, o primeiro passo da sequência precisa ser bem explicado, para que nos próximos o aluno possa entender a atividade aplicada.

Nessa direção Zabala considera que:

Toda prática pedagógica requer uma organização metodológica antes de sua execução. Seguindo essa visão, antes da organização de uma sequência didática ou sequência de atividades, o professor deve ter em mente duas questões cruciais que justificam a prática educativa: “Para que educar? Para que ensinar?” (Zabala, 1998. p. 21 *apud* Pereira, 2020)

Nesse sentido, a sequência pode ser trabalhada de forma interdisciplinar, isso se deve pelo motivo de que a sequência didática prioriza o aprendizado de forma estruturada e sequencial. É importante estar atento à escolha do tema que pode envolver várias situações. O tema escolhido pode envolver uma questão social, cultural, geográfica entre outras, isso porque é importante dar visibilidade à vivência do aluno. Com essa compreensão, a sequência didática pode e deve ser planejada para que todas as atividades possam correr com ajustes do conteúdo e da duração do tempo. É necessário, em cada

aula, fazer a retomada da anterior. A sequência é organizada em várias aulas, pois o objetivo é o aprendizado do aluno de forma prática e eficiente.

É importante ressaltar que a sequência didática também pode ser aplicada em turmas ou fases diferentes, desde que o professor organize, planeje a estrutura, o conteúdo e as atividades a serem aplicadas para cada turma, tanto no ensino fundamental quanto ensino médio. No ensino de língua, a “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 97 *apud* Araújo, 2013).

Quando se trata de sequência didática é preciso planejar, formular e dar visibilidade ao tema proposto, para que se possa dar condições ao entendimento do aluno. Por isso, para trabalhar com sequência no ensino da língua é necessário buscar um gênero textual, o que não é uma tarefa fácil, mas o aprendizado costuma ser mais eficiente e o aluno compreende melhor os conteúdos.

A partir dessa perspectiva inovadora de ensino e de aprendizagem, propus na minha pesquisa um planejamento com sequências didáticas a partir dos gêneros: entrevista, canto e receita culinária. A escolha do tema não foi tão fácil, pois foi uma experiência nova de ensinar a língua Bakairi a partir dos gêneros e da realidade dos alunos, com base no Ritual das Máscaras Sagradas *Iakuigady*.

A definição do tema pesquisado gerou uma expectativa muito grande e um desafio por parte dos alunos, dos professores e da comunidade, pois o ensino da língua na escola usando gêneros foi o primeiro trabalho realizado. Quando acontece o Ritual das *Iakuigady* toda a comunidade se mobiliza, já que para os Bakairi *Iakuigady* é Sagrado.

A realização do ritual das Máscaras Sagradas só é permitida após uma longa conversa entre os donos ou responsáveis pelas Máscaras e também após a conversa com o Pajé. Após o diálogo, é marcado o dia para realizar o ritual. Diz o pajé que o espírito das *Iakuigady* vem da profundidade do rio, daí se fala que *Iakuigady* é do mundo subaquático, portanto, o ritual que é realizado transforma o espírito subaquático para o mundo físico, onde ele se transforma em Máscara quadrada e Máscara oval, com sua história, seu canto e seu alimento.

O estudo do tema promoveu um desafio na escola, pois um dos gêneros trabalhado foi o canto das *Iakuigady*, isso ocorreu devido à Máscara Sagrada ser exclusiva para homens, porém ouvir e estudar o canto não é proibido para mulheres, como disse o senhor Odil, em uma conversa com alunos do primeiro ano do ensino médio. Ele destacou que

“os alunos podem estudar e aprender através do canto, podem fabricar uma pequena máscara ou até mesmo uma pequena máscara, mas com a tinta não original para vender” (Odil, 14 de agosto de 2023).

A escolha do tema para trabalhar com os gêneros entrevista, canto e receita culinária a partir do tema Ritual das *Iakuigady* partiu da perspectiva de inovar e aproveitar os conhecimentos da cultura para incentivar os alunos a priorizarem a língua materna. Para que ensinar entrevista para alunos Bakairi? De modo geral, sabemos que a entrevista serve para descobrir uma ou mais ações que envolvem situações e transformá-las em informação sobre o assunto. Portanto ensinar entrevista para alunos Bakairi tem o propósito de descobrir a originalidade do tema aplicado para esta pesquisa sobre o Ritual Sagrado das *Iakuigady* – Ritual Sagrado das Máscaras do povo Bakairi, e com a finalidade de ajudar os alunos compreenderem todas as informações das *Iakuigady*.

É nessa perspectiva que o planejamento da sequência didática teve uma definição importante, primeiro foi saber como é realizado o Ritual das Máscaras Sagradas *Iakuigady*. O segundo passo foi saber a quem pertence e quem pode conduzir o Ritual das *Iakuigady*. Isso foi pesquisado devido ao fato de que o *Iakuigady* é considerado um membro de uma família, ou seja, um filho.

Finalizando este gênero da entrevista, tivemos a presença de um convidado para conceder uma entrevista para a turma em sala de aula, sendo este convidado um ancião da própria comunidade do povo Bakairi. Neste dia, os alunos tiveram a oportunidade de fazer suas perguntas, mas o objetivo maior era priorizar o ensino da língua materna na escola Kura Bakairi, usando um método diferenciado, ou seja, ensinar a língua Bakairi a partir do gênero textual entrevista.

No segundo momento do trabalho com gêneros, a nossa aula foi trabalhar com cantos das *Iakuigady*. Nesse momento, trabalhar com o gênero canto foi uma aula que chamou bastante a atenção dos alunos, pois despertou a curiosidade da língua usada no canto do *Iakuigady*. O canto em si é uma forma de expressão que emociona as famílias e, consequentemente, os alunos também passam por momentos de emoção ao ouvir os cantos das *Iakuigady*. Nesse sentido, Santos (2020, p. 64) diz que “por meio da música, os indígenas asseguram a construção, reconstrução, reafirmação e valorização das suas identidades”.

À vista disso trabalhar com este gênero, usando a metodologia de sequência didática, foi uma aula muito proveitosa, que também serviu para conhecer e praticar a

língua Bakairi, usando o canto como orientador de ensino na escola Kura Bakairi do povo Bakairi do município de Paranatinga-MT.

E dando sequência ao ensino da língua Bakairi, trabalhei com o gênero receita culinária. Estas aulas tiveram como objetivo mostrar aos alunos a alimentação tradicional que é usada no ritual das *Iakuigady*. Buscamos compreender quais alimentos são oferecidos, seu modo de preparo e de quem é a responsabilidade pelos alimentos oferecidos no Ritual das *Iakuigady*. É importante notar que trabalhar com gênero textual não é apenas priorizar o gênero que está sendo trabalhado, mas priorizar a estratégia pedagógica relacionada à leitura e à escrita. Esta aula também teve seu planejamento e finalidade para mostrar aos alunos que podemos aprender a ler e a escrever na língua Bakairi, bem como aprender a língua materna tradicional, usando o gênero receita culinária.

3.2 Desenvolvimentos das aulas

A prática de ensino de língua Bakairi foi realizada por meio de sequências didáticas e do uso dos gêneros textuais. No primeiro momento, com o gênero entrevista, o objetivo da aula foi que os alunos pudessem entender a história das *Iakuigady* e o ritual. Depois, o objetivo foi aprender sobre o canto das *Iakuigady*, pois no dia do Ritual é necessário que os representantes saibam o canto. Por último, com o gênero receita culinária, o objetivo foi aprender sobre a alimentação das *Iakuigady*. Foram desenvolvidas aulas passo a passo, pois não é todo tipo de alimentação que se pode oferecer no Ritual das *Iakuigady*. Assim seguiu o desenvolvimento das aulas. O trabalho buscou proporcionar um ensino mais efetivo e dinâmico, levando em consideração as características do contexto e os objetivos da pesquisa.

3.2.1 Ensinos de língua Bakairi usando o gênero textual entrevista

Nesta parte vamos entender como foi o desenvolvimento das aulas através de cada gênero textual, sendo que o primeiro foi a entrevista. Ensinar a língua Bakairi usando esse gênero textual foi muito importante para os alunos. As aulas da primeira sequência didática foram realizadas entre os dias 9 e 10 e 16 e 17 de março do ano de 2023, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A primeira atividade foi realizar um teste para saber o grau de conhecimento e entendimento do que seria uma entrevista. Entre os dias

citados, realizei atividades usando vários meios, como vídeos e leitura de recortes de jornal para que os alunos pudessem ter maior clareza sobre a entrevista.

O objetivo desta aula foi que os alunos pudessem expor mais as suas ideias, suas argumentações sobre o tema Ritual das *Iakuigady*. Durante esta aula, eu me deparei com alguns obstáculos, os estudantes tiveram dificuldades por causa do gênero “entrevista”, já que esta metodologia era nova para alunos Bakairi, pois até o momento nenhum docente havia ministrado aula de forma sequencial por meio de gêneros textuais na escola Kura Bakairi.

Continuando com a atividade da nossa aula para realizar mais um teste, propus aos alunos que fizessem uma entrevista uns com os outros dentro da sala de aula, em duplas, sempre revezando entrevistador e entrevistado. A propósito, essa metodologia usada na sala de aula foi para instigar as ideias dos alunos, a fim de que surgissem perguntas, questionamentos, ficando mais clara a ideia do que perguntar. Para tanto formamos duplas na sala de aula e iniciamos a entrevista. Foram formuladas perguntas e repostas em forma de brincadeira. Na verdade, foram perguntas livres, de acordo com o tema sugerido referente ao Ritual das Máscaras Sagradas. O objetivo da aula foi formular perguntas e também respostas, sempre na língua Bakairi.

Fazendo a observação da aula, percebi que o comportamento dos alunos na hora do teste da entrevista foi de timidez, mas isso ocorreu porque os alunos não eram acostumados com o tipo da aula, isto é, entrevistar e ser entrevistado. Essa estratégia era uma novidade. Com o passar dos dias de aulas trabalhadas, percebi que os alunos foram se desenvolvendo principalmente na oralidade e na exposição de suas ideias. Percebi também o interesse em aprender mais sobre a questão do tema Ritual das *Iakuigady*, pois a turma do 9º era formada por alunos que ainda não tiveram o privilégio de ver o Ritual. Já o viram somente em vídeos, fotos e desenhos. No Ritual são 21 máscaras ativas, cada uma tem o seu responsável e o seu dono. Na teoria, aprendemos alguma fundamentação antropológica sobre a questão das máscaras sagradas nos primeiros dias de aula, porém o estudo antropológico do Ritual das *Iakuigady* não foi o foco principal do trabalho e, sim, o ensino da língua materna Bakairi na escola.

Ainda nesse período dos dias de aula com a turma do Ensino Fundamental, após a explicação sobre a entrevista e troca de ideias, tivemos momentos de formular definitivamente as perguntas para fazer ao ancião que iria nos dar a oportunidade de ouvir

sobre o nosso tema Ritual das *Iakuigady*. As perguntas e respostas sempre foram formuladas na língua Bakairi, o que facilita um bom entendimento entre alunos.

- Âdaini ka awâkâ *Iakuigady*? (O que faz uma máscara *Iakuigady*?)
- Âdara lelâka *Iakuigady*? (Quantos são *Iakuigady*?)
- Kuamby ro, âdaunlo ka awâkâ? (E Kuamby, como é ele?)
- Âdara lelâka Kuamby? (Quantos são Kuamby?)
- Âdyka mâkâ igâky (O que ele canta?)
- Âdakezekâ mâkâ igâky? (Qual é o significado da música que o *Iakuigady* canta?)

É importante dizer que o ensino da língua materna na escola indígena atual pode ser ensinado através de um meio em que os alunos mais se adaptem, mas primeiramente é preciso planejar. Assim, com as perguntas elaboradas, nós finalizamos a parte da primeira sequência didática, trabalhando o gênero entrevista. Os objetivos desta aula foram: observar, analisar as dificuldades dos alunos e formular as perguntas sobre o Ritual dos *Iakuigady*. Inclui também nesta pesquisa a turma do 1º ano do Ensino Médio, e assim já partimos para a aula da primeira sequência didática (entrevista). Nesta aula assistimos vídeos das *Iakuigady* (vídeo amador, filmado na Aldeia Pakuera no ano de 2013 por Mogoxe Bakairi), também fizemos a leitura de um artigo científico sobre *Iakuigady*. Foram necessárias mais três aulas nos respectivos dias 17/03, 03/04 e 10/04 de 2023. Porém houve a necessidade de ter mais de uma aula com a turma do Ensino Médio, pois havia muito material, tais como reportagem de vídeos para que os alunos pudessem compreender a definição sobre o que era o gênero entrevista.

Essa turma do Ensino Médio tinha mais facilidade de comunicação e conseguiu muito bem fazer a tradução da língua materna para língua portuguesa. Foi bem mais fácil a interação entre os colegas de classe, e isso contribuiu muito para que pudéssemos prosseguir com poucas horas de aula e de atividade sobre o gênero entrevista. Esta aula com a turma do 1º do Ensino Médio teve como objetivo questionar e produzir as perguntas, isto é, formular perguntas na língua Bakairi.

Seguindo com a atividade com alunos do 1º do Ensino Médio no período vespertino, desenvolvemos perguntas para entrevistar o ancião que iria contar a história

do Ritual das Máscaras Sagradas. Sendo assim, os próprios alunos formularam na prática as perguntas. Veja a seguir:

1. Âdara ani *Iakuigady* Saudyly? (Como surgiu *Iakuigady*?)
2. Âdyka awâkâ âewyly? (De onde ele vem?)
3. Ângy ka ezedymo? (Quais são os nomes da (s) máscara (s)?)
4. Âdakezeka *Iakuigady* kely? (Quais são os significados da música?)
5. Todonune awâkâ *Iakuigady*, aituo todo etyan kulelâ typyniry esse idâly o âkelo etyan tâtâze lâpylâ? (Cada máscara tem seu dono, e para buscar seu alimento vai apenas na casa do seu dono? Ou pode buscar em outra casa?)
6. Âdaituo ka kydâjitaimba kydawyly kado oday? (Por que não se pode falar dentro da máscara?)
7. Âdaituo ka *Iakuigady* nadalokuaomba awyly? (Por que *Iakuigady* não está sendo trabalhado com a comunidade?)
8. Âdaituo ka pekodo nepyra awyly kado âkuly ume? (Por que é proibido para mulher ver no dia do ritual da formação do *Iakuigady*?)

A terceira aula da primeira sequência didática teve início no dia oito de maio de 2023 com alunos do 1º do Ensino Médio, no período da tarde. Novamente tive um bom relacionamento em aplicar a continuação da aula sobre as máscaras sagradas *Iakuigady*. A leitura de um artigo científico de um indígena Bakairi, Vitor Peruare, que traz as 21 máscaras ativas foi muito boa. Fizemos a leitura visualizando máscara por máscara, buscando saber a qual família cada uma delas pertence, além do significado e simbologia das máscaras. Fazendo um apanhado geral do texto sobre as *Iakuigady*, iniciamos nosso debate sobre o que seria mais importante perguntar ao ancião e assim surgiram várias perguntas acima citadas. O objetivo desta aula foi estimular a formulação das ideias ao longo da conversa com o ancião, pois culturalmente os indígenas aprendem ouvindo na oralidade, e isso é educação indígena.

Na aldeia Pakuera, no ano de 2023, ocorreram várias mortes, e em função disso paramos nossa atividade de pesquisa por alguns dias. Porém o Sistema nos exige a pontualidade, exige a obrigação profissional, daí eu me pergunto sobre a especificidade, sobre direitos garantidos na Constituição Federal de 1988 artigo 231, sobre respeitar as diversidades, sobretudo respeitar a “diferença”. Um país com regime democrático na contemporaneidade, acredito que não pode negar as especificidades de um povo ou etnia,

e o povo Bakairi tem suas especificidades. Acreditamos no espírito do universo, acreditamos que cada lugar tem seu dono como a mata, o rio, a nascente de um rio tem seu próprio dono, a serra, o morro ou a montanha, e é preciso respeitar a Natureza, respeitar o Universo.

Diante de nossa especificidade como um povo, levanto a questão de se respeitar a diferença, pois é preciso que o Sistema entenda que, quando morre alguém na aldeia, as atividades param, que a atividade na escola para em respeito à família, em respeito ao espírito, que os pais com crianças recém-nascidas não podem ficar transitando pela aldeia. É necessário aguardar alguns dias. Pessoas doentes não podem ficar sem acompanhamento, ou seja, isso são nossas especificidades. Portanto algumas aulas ficaram atrasadas devido ao respeito cultural do povo Bakairi, pois pesquisar, produzir trabalho científico nos locais onde a cultura é diferente, requer respeito. Um exemplo disso é o fato de que minha atividade com os alunos teve um momento de pausa em respeito ao óbito de um senhor conhecido como mestre da cultura, mas sempre retomamos ao nosso trabalho firmes e fortes.

Continuei com a aula da entrevista da primeira sequência nos dias 18 e 19 de maio de 2023, com os alunos do Ensino Fundamental. Nessa aula trabalhei novamente a leitura de um artigo sobre a máscara sagrada, uma leitura coletiva, destacando o ponto principal para nossa aula sobre *Iakuigady*⁹. Continuando com os alunos do 9º ano, no dia 19 de maio, fizemos a leitura do artigo “*Iakuigady*: cultura e sustentabilidade nas máscaras rituais do povo Kurâ Bakairi”, e nesse dia escrevemos sobre a parte na qual é citado o nome das *Iakuigady* e a quem as *Iakuigady* pertencem, pois cada *Iakuigady* pertence a uma família, lembrando que a educação indígena Bakairi passa por esse momento de aprendizagem, de saber sobre o Ritual da Máscara Sagrada *Iakuigady*. O objetivo desta aula foi para saber um pouco da história da *Iakuigady*, visto que é considerada um membro da família, como se fosse um filho.

No dia 22 de maio não tivemos aula devido a uma formação que foi realizada para todos os alunos da Escola Kura Bakairi, e seguimos a aula da primeira sequência com alunos do 1º ano do Ensino Médio em outro dia e horário, que pude negociar uma aula com a professora Isabel Taukane, nos dias 24 de maio de 2023. Dessa forma nesse dia eu fiquei com duas aulas para trabalhar ainda mais sobre o Ritual das Máscaras Sagradas,

⁹ É um ser espiritual, representado em material como: madeira, palha e seda de buriti, e só assim é visível a todos. Não sendo um ser físico, somente o pajé pode ver e falar com *Iakuigady*.

pois o foco desta pesquisa é entender a linguagem do Ritual das *Iakuigady*. Dessa forma em cada aula que tive tinha que explicar sobre o Ritual das *Iakuigady* trazendo para todos os alunos um jeito fácil de aprender a ler e a escrever na língua Bakairi.

Nesse dia, nossa aula foi no centro da aldeia Pakuera, em um Barracão onde realizamos eventos. Nossa aula foi muito interessante, primeiro a vontade dos alunos em ter uma aula fora da sala antiga, já que sempre solicitaram. Depois fomos fazer na prática a entrevista. Deixamos nossos cadernos, lápis, canetas e borrachas por alguns momentos para socializar nosso aprendizado e praticar a entrevista, e toda aula sempre na língua materna Bakairi, pois o objetivo era priorizar a nossa língua e criar um jeito diferente de ensinar em língua materna.

O objetivo desta aula foi aprender a lidar com dispositivos tecnológicos, filmar e gravar vídeos, aprender a posição correta de filmar e gravar, a maneira correta de olhar para a câmera. Essa metodologia de uso do dispositivo é muito importante nos dias atuais nas escolas. Entendo que é preciso planejar, organizar, para que a aula não perca o rumo, pois ensinar a língua materna também exige que o professor inove a sua metodologia.

As perguntas foram aleatórias, sem nenhuma preocupação com o tema. No final da aula ficou muito interessante, pois aprendemos algumas funções de um aplicativo-App, função do próprio dispositivo (nesse caso foi um celular) que ali o foco principal foi utilizar para ensinar a língua Bakairi. Para alguns alunos essa metodologia de trabalhar com celular era novidade, mas lembramos que a tecnologia está inserida há muito tempo na comunidade e os adolescentes, até mesmo as crianças, sabem muito bem manusear um desses dispositivos, às vezes mais do que os adultos. Mas é isso que nós queremos nos dias atuais, que a nova geração indígena esteja atenta às mudanças sem se esquecer da sua cultura, da sua língua e, sobretudo, saber quem é ou quem somos.

Veja na foto abaixo alguns alunos que sempre estão dispostos a aparecer nas apresentações.

Figura 13: Alunos 1º ano Ensino Médio, na aula de teste da entrevista.



Fonte: Arquivo do Autor (2023).

No dia 25 de maio seria a aula com o 9º ano, mas neste dia não teve, pois o cacique da aldeia solicitou junto à diretora da escola que os alunos pudessem contribuir com a limpeza da aldeia. Mesmo não tendo esta aula continuamos seguindo com nosso propósito do ensino sobre o gênero entrevista e vi que estávamos dando um passo positivo em relação ao trabalho de pesquisa de “Ensino da Língua Materna na escola Kura Bakairi”.

Continuando a primeira sequência com os alunos do 1º ano do Ensino Médio no período da tarde, em 29 de maio de 2023, nossa aula foi novamente fazer a leitura do trabalho referente ao Ritual. Nesta aula do dia 29 de maio de 2023 estiveram presentes apenas quatro alunos, pois o transporte escolar teve problemas mecânicos. O objetivo desta aula foi praticar as duas possibilidades de aprendizagem sendo que a primeira foi saber escrever através de mensagem de bate papo e a outra foi conhecer algumas funções de edição de áudio e vídeo.

No dia 02 de junho de 2023 a primeira aula foi com os alunos do Ensino Fundamental, 9º ano. Neste dia, a aula foi da seguinte forma: produzir um texto sobre o Ritual das Máscaras *Iakuigady*. A escolha foi livre, pois há 21 máscaras. Então cada aluno fez sua escolha, e a partir da imagem, produziram um texto. Como era um texto livre, a prioridade era escrever sobre as *Iakuigady* e assim alguns estudantes produziram textos curtos, entre 10 e 15 linhas. Falamos sobre o significado de cada máscara e suas pinturas.

O objetivo desta aula foi a produção de textos na língua Bakairi, pois ao escrever e exercitar a escrita melhoramos a habilidade de compreensão e memorização. Essa

atividade foi possível porque a maioria dos alunos do Ensino Médio sabem ler e escrever na língua materna.

No dia 05 de junho, no período da tarde, a aula da primeira sequência foi com os alunos do 1º ano do Ensino Médio. A atividade foi escrever um texto em língua materna usando dispositivos como celular, tablete, notebook e até mesmo o Chromebook da própria escola. O mais importante nessa aula foi o interesse que os alunos tiveram em usar a tecnologia para escrever na sua língua, sendo que a mensagem escrita no dispositivo em língua materna e o conteúdo do diálogo foram livres. O objetivo foi justamente despertar a curiosidade dos alunos, sempre priorizando o tema da nossa pesquisa, que é o Ritual das Máscara Sagradas *Iakuigady*.

No dia 20 de julho de 2023 tivemos a continuação da primeira sequência didática, gênero entrevista, com a turma do 9º ano, no período da manhã. Nesta aula, fizemos um breve comentário da aula passada sobre o que é e para que serve a entrevista, abordamos várias indagações e a possibilidade de fazer perguntas ao entrevistado. O tema desta aula foi sobre as Máscaras Sagrada *Iakuigady*, em função do qual pautamos as possibilidades de inovar os desafios de ensino da língua materna na escola Kura Bakairi. O objetivo desta aula foi despertar mais a curiosidade dos alunos sobre a linguagem, a fim de que mesmo falando em duas línguas os alunos possam ter mais prazer de falar na sua língua em qualquer lugar e sempre se autodenominarem como Kurâ Bakairi.

No dia 21 de julho de 2023 a continuação da aula da primeira sequência didática foi novamente com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental. Em um primeiro momento recolhi a atividade feita em casa, a produção de um texto escrito na língua Bakairi. Depois fizemos um diálogo na sala de aula corrigindo os textos. Após a correção, destacamos os seguintes questionamentos: por que entrevistar alguém? Para que serve a entrevista? Qual é a finalidade da entrevista? Destacamos também o objetivo da entrevista, que sempre será despertar a curiosidade dos alunos em ler e escrever na sua língua materna.

Tivemos um momento de dinâmica na sala de aula, que foi trazer alguns exemplos dos noticiários e jornais que os alunos acompanham nas suas casas. Alguns destacaram jornais da televisão e notícias dos repórteres. As perguntas destacadas foram escritas na língua Bakairi, por exemplo: qual o porquê de se entrevistar alguém? (Âdaitoem ka Kurâ kiunâguedyly?), Para que serve a entrevista? (Âdaitoem ka awarâ entrevista iwynu?), de modo que essas e outras indagações fizeram a nossa aula fluir nesse dia. O objetivo desta

aula foi planejar melhor as perguntas para entrevistar o ancião da aldeia, e assim coletar informações sobre o Ritual das Máscaras Sagradas.

No dia 15 de agosto de 2023, às 13h:30min, iniciamos a aula da primeira sequência didática com alunos do 1º ano do Ensino Médio, e a presença do senhor Odil Apacano. O senhor Odil Apacano tem 72 anos de idade, é casado e mora na aldeia Paikum. A distância entre a aldeia e a escola é de aproximadamente 10 km. Enfim, demos graças ao nosso bom Deus que trouxe esta pessoa para nos contar a história do Ritual das Máscaras Sagradas. Veja a foto abaixo.

Figura 14: No dia da palestra com o senhor Odil Apacano



Foto: Arquivo do Autor (2023).

Este foi um momento de atenção dos alunos na hora de ouvir a história do Ritual das *Iakuigady*. É importante destacar que a conversa foi feita em língua Bakairi, pois este trabalho de pesquisa tem como título Ensino da Língua Materna na Escola Kura Bakairi.

Figura 15: Alunos do 1º ano do Ensino Médio participando da palestra



Fonte: Arquivo do Autor (2023).

Nesta aula, tivemos o imenso prazer de conhecer um pouco da história do Ritual e como o espírito da *Iakuigady* se materializa e se torna visível para toda a comunidade. Porém esse ritual somente é aconselhável à participação masculina. As mulheres são orientadas a fecharem todas as portas e janelas das suas casas, para que não possam ter contato com o espírito da máscara (educação indígena). Seguindo a nossa aula, houve algumas perguntas que antes já havíamos organizado. Formulamos várias outras do interesse dos alunos, mas nem todas foram feitas, devido ao pouco conhecimento dos alunos em relação ao Ritual das Máscaras, pois muitos já se sentiram contemplados com as perguntas de colegas. Veja abaixo as perguntas formuladas pelos alunos:

- Âdaini ka awâkâ *Iakuigady*? (O que faz uma máscara *Iakuigady*?)
- Âdara lelâka *Iakuigady*? (Quantos são *Iakuigady*?)
- Kuamby ro, âdaunlo ka awâkâ? (Kuamby, como é ele?)
- Âdara lelâka Kuamby? (Quantos são Kuamby?)
- Âdyka mâkâ igâky (O que ele canta?)
- Âdakezekâ mâkâ igâky? (Qual é o significado da música que o *Iakuigady* canta?)

Observamos que no decorrer do texto houve momentos de vai e vem das aulas da sequência. Isso ocorreu para que a explicação acerca do gênero acontecesse da melhor forma possível, pois na língua indígena também existem vários tipos de gênero, e é

necessário explicar por sequência. Acredito que desta forma o ensino e a aprendizagem focam mais no que o aluno aprende de verdade com mais facilidade, sobretudo a respeito do tema e da sua vivência. Entendo que através deste método criei uma nova proposta de se ensinar a língua materna. Assim terminou nossa aula da primeira sequência didática, e partimos para a segunda sequência, que será estudar o gênero canto.

3.2.2. Ensino de língua Bakairi usando o gênero textual canto

Nesta parte de estudo destaco o trabalho da sequência através de gênero textual canto. A escolha deste gênero foi para dar continuidade à primeira sequência didática que foi a entrevista. Podemos observar no decorrer deste trabalho que às informações coletadas através da entrevista irão se juntar àquelas sobre o canto, isto é, o canto a que me refiro nesta pesquisa é o canto das *Iakuigady*, canto sagrado do Ritual das *Iakuigady*, que faz parte do ensino da língua Bakairi.

No dia 03 de agosto de 2023, na segunda aula do período da manhã, iniciei a segunda sequência didática sobre o gênero textual canto com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental. Neste dia, seguimos o planejamento da nossa aula. Na segunda aula no período da manhã fiz a primeira explicação sobre o gênero canto. Essa explicação foi feita para que os alunos aprendessem mais a respeito dos cantos. O objetivo da aula foi desenvolver atividades para que os alunos compreendessem como e quando aparecem os cantos no Ritual das Máscaras Sagradas *Iakuigady*. Nessa aula, foi proposta uma atividade de leitura e compreensão de um canto do Ritual.

No dia quatro de agosto de 2023, na primeira aula com a mesma turma do 9º ano, seguimos com a nossa atividade, fazendo a explicação sobre a segunda sequência didática (canto). Percebi que os alunos conseguiram interagir facilmente e tiveram bom entendimento sobre o canto, a aula ficou mais prazerosa, pois o canto das máscaras sagradas é um canto que todas as famílias têm conhecimento e sabem cantar. O Ritual das Máscaras Sagradas *Iakuigady* é um ritual que toda a comunidade e todas as famílias conhecem sob as formas de histórias ou mito, e que passam para seus filhos, portanto, a facilidade de interação dos alunos facilitou a explicação e isso deu à aula mais fluidez.

Para que a aula fluísse com mais tranquilidade entre os alunos, tive a oportunidade ainda de tirar as dúvidas referentes ao gênero canto. À vista disso, os alunos puderam compreender os cantos das máscaras sagradas *Iakuigady*. Os cantos das máscaras

Iakuigady são, além de sagrados, cantos específicos, pois cada máscara possui um canto. Através do canto é identificado de qual ou quem é a máscara que está no ritmo, isso sem dúvida foi uma aula para priorizar o uso da língua Kurâ Bakairi começando principalmente com os jovens Bakairi e nesse caso foram os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, no período da manhã, do dia quatro de agosto de 2023.

No dia sete de agosto de 2023, no período da tarde, na segunda aula, iniciei a segunda sequência com a turma do primeiro ano do Ensino Médio. Nesse dia, fiz novamente as explicações do que seria a segunda sequência (canto) da máscara sagrada *Iakuigady*, repetindo todas as informações sobre o gênero canto repassadas para a turma do 9º, pois a compreensão neste momento é muito importante. Neste dia a aula com o primeiro ano foi para trazer mais clareza sobre o gênero canto.

Com essa turma do primeiro ano do Ensino Médio, a explicação de forma oral não foi tão necessária. Isso aconteceu porque os alunos já tinham um desempenho de nível avançado tanto na oralidade quanto na escrita da língua Kurâ Bakairi. Mesmo assim a explicação foi uma oportunidade a mais de tirar as dúvidas dos alunos referentes ao gênero textual canto. Todas as explicações das atividades foram realizadas na língua Kurâ Bakairi, no sentido de tirar as dúvidas dos alunos referentes sobre o referido gênero textual na língua materna, o que também possibilitou a compreensão e o entendimento dos alunos sobre o canto das máscaras *Iakuigady*.

Nesse sentido, as atividades na sala de aula também foram feitas priorizando o uso da língua Kurâ Bakairi. A turma do primeiro ano do Ensino Médio é composta de alunos que já estão bem adiantados na leitura e na escrita da língua Kurâ Bakairi, e este motivo possibilitou uma aula com mais tranquilidade e segurança. Alguns alunos já tinham idade suficiente para lembrar do último ritual que foi realizado na aldeia Pakuera, no ano de 2013¹⁰.

No dia nove de agosto de 2023, na aula de prática agroecológica da minha disciplina, reservei esta aula para adiantar o conteúdo da segunda sequência didática canto. Isso foi feito para que os alunos compreendessem mais sobre este gênero. Neste dia separei cinco cantos, e então cantei cada um repetidamente com os alunos. Os cantos foram os seguintes: Matola, Iakua, Nuianani, Makuala e Kualowy. Quando uma aula

¹⁰ Os rituais do povo Bakairi do município de Paranatinga-MT acontecem na aldeia Pakuera, pois é uma aldeia central e foi dessa aldeia Pakuera que várias famílias ou clãs saíram para construir suas aldeias no território Kurâ Bakairi. Atualmente são 10 aldeias e cada aldeia tem seu representante tradicional que é o Cacique.

desperta a curiosidade dos alunos parece que minutos viram segundos, e foi isso que aconteceu.

Na outra oportunidade de aula pude dar continuidade sobre o gênero canto. Na verdade, o que eu fiz foi cantar o canto de algumas máscaras. A importância desta aula para alunos do primeiro ano do Ensino Médio foi para entender que cada canto das *Iakuigady* é diferente, a importância de se priorizar o canto e assim incentivar o uso da língua Bakairi, bem como dar oportunidade para os alunos conhecerem o Ritual das *Iakuigady*. Após a aula, percebi que alguns dos alunos cantavam o canto das *Iakuigady* timidamente.

No dia 10 de agosto de 2023, a aula novamente foi com a turma do 9º ano na segunda aula do período da manhã. Esta aula foi para mostrar as 22 máscaras existentes, no entanto a intenção não foi somente mostrar as máscaras sagradas, mas aplicar a atividade de desenhar e pintar as máscaras e escrever o canto da máscara escolhido.

Nesses dois dias de aula, pedi aos alunos que escolhessem uma máscara e realizassem a atividade de desenhar, pintar e escrever o canto daquela máscara. Esta aula foi para observar se os alunos tinham ou não conhecimento dos desenhos e da pintura das máscaras. Fazendo esta observação, pude incentivar os alunos a compreenderem a forma correta e as formas de pintar cada máscara sagrada *Iakuigady*. Alguns desenhos saíram de acordo com o esperado, porém foi necessária mais uma aula para praticar esses desenhos e pintura.

A aula do dia 24 de agosto de 2023 aconteceu no período da manhã, com a turma do 9º ano. Neste dia, foi uma aula de conversação a fim de preparar os alunos para receber uma pessoa da aldeia que falaria sobre os cantos das máscaras *Iakuigady*, que seria no dia seguinte, 25 de agosto, no período da manhã. No dia 25 de agosto, recebemos o senhor Floriano Paiure na sala de aula. Estivemos durante 60 minutos em um diálogo sobre as máscaras sagradas *Iakuigady* e seus cantos. Nesse dia de aula, em primeiro lugar eu apresentei o senhor Paiure aos alunos. Ele é uma pessoa da aldeia Pakuera Bakairi, mas havia alunos que não o conheciam, embora soubessem que ele é mestre em canto das *Iakuigady* e outros rituais também.

O Paiure cantou a música da máscara Matola. Primeiramente ele explicou como acontece no ritual para materializar o *Iakuigady*. Depois explicou que somente os homens podem cantar a música do *Iakuigady* e, no dia do ritual, da materialização do espírito *Iakuigady*, as mulheres não podem ver. Todas as portas e janelas precisam estar fechadas

para que assim nenhuma mulher possa ver o ritual. Também nesse dia, Paiure comentou um pouco da alimentação do *Iakuigady*, tema que será a terceira sequência didática.

Ele disse que no dia em que estão sendo construídas as máscaras, não pode faltar alimentação, pois segundo ele (Paiure) os espíritos vêm de longe e necessitam se alimentar. Ele comentou que o seu prato favorito é peixe, carne de caça e mingau, seja de milho, polvilho, batata, arroz, cará, abóbora e mandioca. E também o mingau que chamamos de “tamixi”, que é feito de beiju de polvilho colocado em uma cuia com água e sem adoçante. Finalizamos nossa aula de canto das máscaras Sagradas *Iakuigady*, acreditando que esta aula teve um ótimo aproveitamento e muito êxito por parte dos alunos. A curiosidade dos estudantes era enorme em conhecer os cantos. Assim terminou a minha atividade de aula da segunda sequência didática canto.

Figura16: Floriano Paiure, contador de história sobre os cantos



Fonte: Arquivo do Autor (2023).

3.2.3. Ensino de língua Bakairi usando o gênero textual receita culinária

Iniciei a aula da terceira sequência didática do gênero textual receita culinária no dia 28 de agosto de 2023, às 14 horas, com a turma do primeiro ano do Ensino Médio. Nessa aula fiz uma introdução do que seria este gênero receita culinária, seguindo no tema gerador Ritual das *Iakuigady*, pois nesta terceira sequência íamos aprender alguns alimentos mais importantes para o Ritual, a importância da preparação desses alimentos

e tudo sobre uma receita culinária para o Ritual das *Iakuigady*. Foi uma atividade dentro da sala de aula, perguntando e questionando aos alunos se eles conheciam algum tipo de alimento que é oferecido no Ritual das *Iakuigady*.

Já no finalzinho desta mesma aula, eu pude iniciar uma pequena atividade. Em primeiro lugar, passei no quadro uma lista com alguns alimentos do Ritual das *Iakuigady* como: mingau de polvilho, pirão de peixe e beiju. Existem vários tipos de alimentos para o Ritual das Máscaras Sagradas, mas nesta aula iniciamos com apenas algumas receitas. Uma parte da atividade não foi concluída devido ao tempo. Mas para próxima aula ficou combinado de darmos continuidade à atividade de preparação da alimentação tradicional servida no Ritual das *Iakuigady*, em forma de receita.

No dia primeiro de setembro de 2023, tive a primeira aula da terceira sequência do gênero textual receita culinária, com a turma do 9º do Ensino Fundamental, no período da manhã. Nesta aula, a primeira atividade que fiz foi a introdução de uma receita, com esta turma. A explicação foi mostrar a receita normal apenas como um exemplo ou modelo do que se trataria na nossa aula. Foi mostrada uma receita de bolo como exemplo para que os alunos entendessem as medidas, as quantidades e demais itens que compõem uma receita, ou seja, peso e medida.

Foi fácil o entendimento da receita, pois os alunos Bakairi, principalmente as meninas, têm conhecimento e facilidade no entendimento do preparo de alimento tradicional. Após fazer uma explicação da receita, escrevi no quadro alguns alimentos que podem ser servidos no Ritual das *Iakuigady*, como por exemplo, mingau de polvilho, beiju, mingau de milho, batata doce, batata roxa, cará, mingau de abóbora, mingau de arroz e mingau de mandioca. Nesse dia, listamos apenas alimentos em forma de mingau ou chicha, e assim se encerrou a aula.

No dia 11 de setembro de 2023, tive aula com primeiro ano do Ensino Médio, no período da tarde, às 14h:20 minutos. Nesse dia, a aula foi mostrar os tipos de alimentos que íamos utilizar para fazer a receita na sala de aula. É importante relatar que são os alimentos oferecidos para o Ritual das Máscaras Sagradas, não somente o mingau, podem ser servidos também alimentos sólidos como peixe assado, carne de caça moqueada, beiju e outros alimentos. A preparação é feita somente por mulheres. Na tradição, o dever das mulheres é preparar os alimentos e servir no Ritual das *Iakuigady*. Portanto, neste dia de aula, aprendemos quais são os alimentos e como são feitos. Não foi possível fazer toda a explicação e tivemos que continuar na aula seguinte.

Nos dias 14 e 15 de setembro, tive mais uma aula da terceira sequência didática do gênero receita culinária com a turma do 9º do Ensino Fundamental. Fiz novamente uma explicação e, em seguida, passei alguns itens da nossa receita dos Kurâ Bakairi, mas antes de dar atividades para os alunos, passei uma explicação sobre a preparação das receitas. Cada receita tem sua especificidade e usa diferentes produtos. Após a explicação de cada item, distribuí para cada aluno a tarefa para fazer na sala de aula e em casa, podendo ter ajuda das mães, dos avós ou de pessoas que tivessem mais afinidades na comunidade e conhecessem as receitas. Então, passei os nomes dos alimentos no quadro e fui explicando item por item, como:

Anji – milho

Samu – polvilho

Tânzeim – mandioca

Marupâ – arroz

Na-hondo – batata doce

Nawy – cará

To-hu – abóbora

Tamixci – mingau de beiju

Pyzegu – água retirada de mandioca

Todos esses produtos são itens tradicionais que povo Bakairi utiliza para fazer bebida tradicional, e a maior parte é oferecida no Ritual das *Iakuigady*. Nossa aula ficou para continuar no próximo dia letivo, ou seja, no dia 15 de setembro. Neste dia finalizamos a nossa aula da explicação dos produtos e como fazer as receitas.

No dia 18 de setembro de 2023, no período da tarde, 1º ano do Ensino Médio, a aula foi escrever as receitas, já que na aula anterior eu fizera uma introdução dos principais produtos para serem oferecidos como alimentos no Ritual das *Iakuigady*. Os alunos foram repetindo todos os itens que passei para turma do 9º ano e escrevendo uma receita de cada item:

Anji – milho

Samu – polvilho

Tânzeim – mandioca

Marupâ – arroz

Na-hondo – batata doce

Nawy – cará

To-hu – abóbora

Tamixi – mingau de beiju

Pyzegu – água retirada de mandioca

A turma do 1º do Ensino Médio tem boa leitura e escrita na língua materna do povo Bakairi. Nesta turma, a atividade foi escrever, fazer um rascunho do que seria uma receita. Assim, primeiramente, passei um pequeno texto no quadro para servir de inspiração (exemplo) para os alunos, mas antes mesmo desta aula, na introdução da sequência, mostrei um exemplo de uma receita. Isso facilitou um pouco a compreensão de como é o texto de uma receita. Mas a nossa receita foi feita de modo tradicional, ou seja, para fazer mingau de milho, por exemplo, são necessárias algumas espigas de milho verde. A nossa aula da terceira sequência didática terminou com algumas dúvidas já resolvidas. O objetivo desta aula com gênero textual utilizando a receita culinária era motivar os alunos Bakairi a ler e escrever na sua língua materna.

Nos dias 21 e 22 de setembro, nossa aula de receita foi para escrever, digitar algumas escritas que os alunos trouxeram de casa, sendo que um dos objetivos foi aprender com o gênero, especificamente com a receita culinária, que é também aprender a ler e escrever a língua Kurâ Bakairi, priorizando toda a forma da linguagem do povo Kurâ. Percebi que os alunos têm conhecimentos sobre como fazer os alimentos, porém a dificuldade foi preparar os alimentos e escrever o texto sob a forma de receita. Mesmo assim acredito que, com esta aula, os alunos tiveram mais entendimento do que seja uma receita e para que serve, lembrando que o objetivo era motivar os alunos a ler e escrever na sua língua materna ou língua do povo Kurâ Bakairi. E assim terminou a nossa aula da terceira sequência didática, com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental.

Figura 17: alunos do 9º ano fazendo na prática o beiju de polvilho para mingau



Fonte: Arquivo do Autor (2023).

Figura18: alunos degustando mingau após o término da aula prática



Fonte: Arquivo do Autor (2023).

Este trabalho teve por objetivo mostrar e revitalizar o ensinamento tradicional, que é uma forma de priorizar a fala e a escrita da língua Bakairi sob a forma de entrevista, de canto e de receita culinária. No final, produzimos um belíssimo produto educacional que fará parte do acervo da biblioteca da escola, e que será usado para fins pedagógicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho traz em seu contexto uma versão desafiadora do ensino de língua materna por meio de gêneros textuais. A questão é inovar o ensino de língua materna na escola Kura Bakairi nos dias atuais, pois a língua portuguesa tem marcado destaque em sala de aula. Muitas vezes o professor utiliza as duas línguas, tanto a língua materna quanto a língua portuguesa, fazendo, assim, o uso bilíngue para explicar ou até mesmo usar palavras emprestadas do português na língua Bakairi. Percebi que, mesmo tendo muitos estudos sobre a língua do povo Bakairi, existem poucos produtos pedagógicos, materiais ali na base, na escola, para que o professor possa trabalhar e ter apoio para ensinar seus alunos.

Partindo deste contexto, a minha pesquisa centrou no aprofundamento do uso da língua do meu povo, proporcionando aos estudantes um ensino e uma aprendizagem com momentos de interação e de reflexão sobre a língua Bakairi. Para concluir a minha pesquisa de ensino da língua materna, antes de tudo eu fiz uma sondagem individualmente na escola e procurei entender o que poderia de fato motivar as crianças e jovens a ter gosto de falar e escrever na sua língua, e como seria realizado o trabalho de ensinar a língua materna na escola. Então, em função deste questionamento, resolvi pôr em prática uma proposta de ensino a partir do tema gerador que foi o Ritual das Máscaras Sagradas do povo Bakairi, pois no Ritual aparecem vários gêneros, sendo os três com que trabalhei a entrevista, o canto e a receita culinária.

Fazendo uma pesquisa sobre a língua oral e a escrita Bakairi, pudemos notar que existem poucos registros da língua Bakairi. Somos carentes nessa questão, e partir disso percebi que era preciso ensinar e registrar a língua Bakairi. Então propus essa metodologia de desenvolver o ensino de leitura e escrita através de gêneros textuais ligados ao Ritual, por meio de sequências didáticas. Desenvolvi este estudo através de três gêneros (entrevista, canto e receita culinária) que facilitaram ainda mais o ensino da língua. Dentre os gêneros trabalhados, o canto na língua Bakairi foi riquíssimo e profundamente propício ao entendimento da língua Bakairi.

O ensino da língua Bakairi por meio de sequência didática permite que o educador planeje, introduza e desenvolva o tema e, assim, finalize com a prática da leitura e da escrita. A escola, nesse caso, tem o papel fundamental de incentivar tanto os professores quanto os alunos no uso de sua língua dentro e fora da sala de aula.

No decorrer desta pesquisa, notei que não é tão fácil como se imagina ser um professor de língua materna Bakairi e descobri que é preciso inovar a metodologia de ensino, ou seja, aproveitar a realidade vivenciada pelos alunos (as), tornando o ensino diferenciado tanto no planejamento quanto na metodologia aplicada. Percebi que a construção de um processo de ensino e aprendizagem da língua materna Kurâ passa necessariamente pela interação do aluno com o professor e com o seu meio social.

Os momentos de interação contribuem imensamente com a atuação do professor que, atento às experiências dos alunos e suas manifestações, percebe o momento oportuno para fazer suas intervenções. Nessa parte da pesquisa, a observação da língua oral se fez necessária, isso ocorreu com um simples ato de entender o que o entrevistado propôs em sua fala, que vem do seu conhecimento ancestral, mas a escrita também foi trabalhada na sala de aula.

Assim, os processos de ensino e de aprendizagem podem ser encaminhados de forma a permitir uma aprendizagem significativa, pois os alunos indígenas não aprendem apenas com exercícios teóricos, eles precisam também de práticas significativas que vêm desde ouvir os mais velhos sobre o Ritual da Máscaras Sagradas, sobre os cantos, até a culinária tradicional específica. Pesquisar e trabalhar o ensino de língua do meu povo Bakairi a partir do Ritual das Máscara Sagradas *Iakuigady* foi muito importante, pois o tema gerador é relevante culturalmente e essencial ao processo de ensino de língua na escola.

A lei garante as nossas especificidades no ensino, é um direito nosso praticarmos o uso de nossas línguas no ensino na escola. A nossa escola vem trabalhando e adotando as especificidades que a Lei nos garante. Registro aqui a importância deste trabalho didático que traz um conteúdo fácil, prazeroso e que servirá de apoio a professores, alunos e toda a comunidade Bakairi, além de futuros pesquisadores Bakairi que possam usufruir deste material. O que esperamos é que o resultado deste estudo seja um apoio, uma ferramenta a mais para que os professores, alunos e as comunidades possam ter um exemplo de como ensinar língua materna Bakairi por meio de gêneros textuais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. **Ensaio e Estudo** (Crítica e História) 3 Série, Edição Sociedade Capistrano de Abreu, 1938.

ARAÚJO Lino de, Denise. **O que é (e como faz) sequência didática?** Entrepalavras, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 322-334, maio 2013. ISSN 2237-6321. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/148>>. Acesso em: 23 jan. 2024.

BARROS, E. **P OS FILHOS DE SOL**: História e cosmologia na organização social de um povo karib -os Kurâ-Bakairi. São Paulo: EDUSP, 2003.

BARROS, E. P. de. **Economia e Cosmologia**. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 37, p. 257-308, 1994. Acesso em: 04 de julho de 2022.

BONFIM, E. (2017). **Kurâ Itanro**: cosmopolítica e língua entre os Bakairi. *Revista Ñanduty*, 5(6), 30–36. <https://doi.org/10.30612/nty.v5i6.6871>, acesso em: 24 de abril de 2024.

BRASIL. LDBEN – **Lei de Diretrizes e Bases da Educacional Nacional**. Lei 9394/96.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

CEREJA, W.; T COCHAR - **Texto e Interação**: Uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Saraiva, 2011. Volume único.

COLLET, C. de. **Educação escolar entre os Kurâ Bakairi**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2015. Acesso em: 02 de janeiro de 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gênero Textuais**: Definição e Funcionalidade. Editora Lucena Rio de Janeiro, 2002.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAULA, E. D. **O ensino de línguas nas escolas indígenas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

PERUARE, Vitor A. **Yakuigady**. Cultura e sustentabilidade nas mascaras rituais do povo Kurâ Bakairi. Brasília, 2012. Acesso em: 17 de agosto de 2022.

PROJETO TUCUM - POLÍTICAS PÚBLICAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS NO ESTADO DE MATO GROSSO BARROS, EDIR PINA DE /1995 <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto38/FO-CX38-2373-97> acesso em 15 de julho de 2024.

SANTOS, Rosivânia dos. **Os “cantos” indígenas de Eliane Potiguara e de Graça Graúna**. 2020. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020. <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/15091> Acesso em 17 de outubro 2023.

SOUZA, Tania C. C. de. **Discurso e Oralidade**: Um Estudo Em Língua Indígena. Universidade de Fluminense, mestrado em comunicação 1999.

TAUKANE, Isabel T.C. **Na linha das Pekobaym Guerreiras kurâ-Bakairi**: de mulheres, árvores ao associativismo do Instituto Yukamaniru. Dissertação de Mestrado, UNB: Centro de Desenvolvimento Sustentável, 2013. Acesso em: 26 de janeiro de 2024.

TAUKANE, Y. D. **Educação Escolar entre os Kurã Bakairi**. Dissertação de Mestrado em Educação. Cuiabá, MT: Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, 1996. Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º grau. 8 edições. – São Paulo: Cortez, 2002.

UGALDE, M. C. P.; ROWEDER, C. Sequência didática: uma proposta metodológica de ensino-aprendizagem. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, Brasil, v. 6, n. ed.especial, p. e99220, 2020. DOI: 10.31417/educitec.v6ied.especial.992. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/992>. Acesso em: 18 set. 2023.

XAGOPE, V. K. **Kurâ Xunâry – Memória dos Kura Bakairi**. Dissertação de Metrado. Rio de Janeiro: PROFLIND/Museu Nacional, 2017. Acesso em 29 de abril de 2024.

Consultores Bakairi

Alinor Aiakade Kaluiava – professor e mestre da cultura do povo Bakairi

Apolônio Apiaga – professor de Língua Materna

Euclides – membro da comunidade Bakairi com conhecimento sobre Ritual *Iakuigady*

Floriano Paiure – Mestre da cultura e canto do *Iakuigady*

Odil Apacano – Mestre da cultura do povo Bakairi

ANEXO A – LISTA DE TURMAS E ALUNOS

Alunos – 9º ano do ensino fundamental 2023

Nome	Sobrenome
ALINDELSON	KARAIHI XERENTE
ALINE	RODRIGUES MIKÂIM
CAUANI	MIGOGUY IPAQUIRI
ELBIANE	KAWOMRO AIAPAGA
IVAN	TUAGANA HIAULAI
IZABELLY	IAWAIU DE MACEDO
JUCIMAR	PAWAY
MAYARA	MAGARO KATAUGA
URIAH	SEEKA PAMPEGÂ
VIRNA	TOPY ITAMARE

Alunos – 1º Ano do ensino médio 2023

Nome	Sobrenome
CELINA	MERO RONDON
EDILSON	NUNA SANCHES
ERIVELTON	KAIAWA PEDROSO SEMAGA
JANAINA	RODRIGUES DE MATOS
LUCIANO	AYAGÂ SALES PAKUARE
MAGNUS	MOBYRA AMALDO DA SILVA
MARIANA	KAWÂKAIA CARDOSO PAUAKA
MAXWEL	HIHOUNA SAGUMA
OMÃYAYTERI	PINHANTA DE SOUZA NUKINI
RICHARLISON	TAWANRE AMARE
SALATIEL	ULUKO APIAGA
ZAHY	AHUIALO TUMAIWA

APÊNDICE A – PRODUTO PEDAGÓGICO

Marinho Uluco Xerente

KURÂ BAKAIRI - Kytanwe iwenily xutu-ho



Editora

Marinho Uluco Xerente

KURÂ BAKAIRI - Kytanwe iwenily xutu-ho



Editora

EKUNIBYRY MONDO EZEDE

Capa- Ekudyby emydy wogonro. Mikaella Kawyru
Amalo Da Silva

KADO IAKUIGADY MONDO EKUNIBYRY EZEDY ISE XIRÂ

Celina Mero Rondon

Edilson Nuna Sanches

Erivelton Kaiawa Pedroso Semaga

Janaina Rodrigues De Matos

Luciano Ayagâ Sales Pakuare

Magnus Mobyra Amaldo Da Silva

Maxwel Hihouna Saguma

‘Omãyayteri Pinhanta De Souza Nukini

Richarlison Twanre Amare

Salatiel Uluko Apiaga

Zahi Ahuialo Tumaiaawa

PYNI MONDO EKUNIBYRY EZEDY ISE XIRÂ

Aline Rodrigues Mikâim

Izabelly Iawaiu Macedo

Jucimar Paway

Mayara Katauga

Uriah Seeka Pampagâ

Virna Topy Itamare

KYTANWEM, KYTANRU, UNÂ
EGATUIMBYRY MONDO ISE MERÂ

Consultores Bakairi

- Alinor Aiakade Kaluiava, professor e mestre da cultura do povo Bakairi
- Apolônio Apiaga: Formação: Línguas, Artes e Literatura
- Euclides, membro da comunidade Bakairi com conhecimento sobre Ritual Iakuigady
- Floriano Paiure. Mestre da cultura e canto do Iakuigady
- Juarez Cuchivare
- Odil Apacano, mestre da cultura do povo Bakairi

Apresentação

Este livro é o Produto Educacional de uma experiência de ensino de língua Bakairi desenvolvida com estudantes do Ensino Fundamental e Médio na Escola Estadual Indígena Kurâ Bakairi. A prática de ensino foi proposta e realizada no desenvolvimento da pesquisa de mestrado intitulada “Ensino de Língua Materna por Meio de Gêneros Textuais na Escola Estadual Kurâ Bakairi”. A pesquisa foi desenvolvida no Mestrado Profissional do PPGECEII - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, da Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT. A proposta de ensino de língua Bakairi foi realizada na sala de aula, com alunos do Ensino Fundamental e Médio, com atividades planejadas a partir do tema gerador “Ritual das Máscaras Sagradas *Iakuigady*” do povo Bakairi, usando três gêneros textuais: entrevista, canto e receita culinária. Este trabalho tem objetivo de contribuir com o ensino e a aprendizagem da escrita e leitura da língua Bakairi. O material é indicado para alunos de todas as séries e anos das escolas do povo Bakairi do município de Paranatinga MT.

Sumário

Capa- Ekudyby emydy wogonro. Mikaella Kawyru
Amalo Da Silva

Iweniby Eto	7
Bakairi itanwem enomedâdyly saguho aityby wâgâlâ ...	9
Ekudyby 1: Unâ Egatuly Xutuho ume	11
Ekudyby: Kado tâmydyeim Igâky mondo igâtudo byry ume.....	12
Ekudyby 03: âsenomedâni tiuntuyby anhedyly pogu samu xurâ taekureim	13
Ekudyby 04: pogu tamixi anhedyly ume.....	14
Kado tâmydyeim mondo aito	14
Ekudyby 05: Iakuigady egasely ume	17
Iakuigady segue tâmydyeim mondo merâ.....	19
Kuamby mondo ise merâ.....	36
PYNY AIETO XIRÂ - RECEITA CULINÁRIA	45

Iweniby Eto

Xirâ âwanu agânhetyby Bakairi itaruem, ensino fundamentaudâ mediudâ warâ âsenomedâni modo agâ xirâ. Mestrado xurâ âwanu agânhetoem kytanwem tâdâsenomedâdodâ (Escola Estadual Kura Bakairi). Mestrado xurâem mawânâ xirâ agânhedyly Programa de Pós graduação Stricto Sensu keho mawânâ kytanru keon-honwanâdyze UNEMAT. Xirâ âwanu agânhetoem kozon-hondâdyly tâdâsenomedâdo kytanwem iskoladâ ipa awylygue. Awylygue lâpylâ, xirâ aityby kêendyly âsenomedâni mondoam satoem tutuzein-enlâ kytanru awyly.

Kytanwem âdara tâdâsenomedâdyly iwerâ kêendyly awylygue, âsenomedâni mondo âsewanily kêentoem arâ agânhedyly kytanwem âkeloem aguientoem tâdâsenomedâdoem. Awylygue âkeloem aitoem iskoladâ kytanwem tâdâsenomedâdyly, âsenomedâni mondo agâ lelâlâ xirâ agânhedyly, intain-homoem, inwenihomeom

warâ Bakairi itawem. Tâzezewenre eynynlâ âwanu
mondo agânhedyly, mârâ lelâlâ eynynâ.

Kado tâmydyeim Iakuigady, kado igâkygue
eremugue warâ koendâ kytanwem enomedâdyly, arâ
mawânâ kiendyly Iakuigady eremugue
âsenomedâni mondo nhuntuly itainly iwenily warâ.

Xirâ arâ agânhetoem agui keankâ adyeseim
mondo, Kurâ sapâiguely, tâjigâky, pyni mondo warâ
keankâ. Xirâ mondo wâgâlâ keankâ iewanu
agânhetoem awidyly, arâma keankâ
tâdâsenomedâdyly koendâ awyly kêendyly
iwenihoem, itain-hoem warâ. Arâ wâne xirâ âwanu
aunlo koendâ olâ ise konomedâni mondo xurâem,
idânârâ arâ tâwanu anhetomoem warâ koendâ
kehoem.

Kêendyly, xirâ aityby itainly arâ, kytanwem
tâdâsenomedâdyly tâtugugueze ize aidyse kydato
ara. Xirâ Iweniby wâgâ saguhoem aguely azagâ
tokalâ warâ agânhetyby wâgâ. Ilâpyryem kado
tâmydyeim wâgâ, tâjigâky mondo wâgâ warâ,

kâympygueondoem pylâ tâinzeim mondo
kâzenwenry eynynâ-ro warâ.

Bakairi itawem enomedâdyly saguho aityby wâgâlâ

Xirâ arâ enomedâdyly tâwâlâ koendâ
kehoem aiedyly tutuzeim aralâ warâ. Araújo aguely
(2013) xirâ arâ enomedâdyly âdara konomedâni
adyeseim anhedily wâgâ, eagonro tâdâsenomedâdo
mondo aiedyly wâgâ warâ. Tâwâlâ xirâ arâ
enomedâdo turnaem mâkâ âkelo mondoem warâ
xuduly, mâkâ enomedâni koendâ tiunduly anhedily
mârâ adyeseim mondo watay, âsenomedâni mondo
xurâem ensino fundamental mediudâ warâ.

Kytanwem enomedâdodâ xirâ arâ
enomedâdyly iskoladâ koendâ adyeseim aietybyem
awyly mârâ Iweniby mondo idatoem iwenibyem
itain-hoem warâ (Dolz, Noverraz e Schneuwly,
2004, p. 97, apud Araújo, 2013).

Xirâ ara enomedâdyly wâgâ keankâ Bakairi
itanwem azagâ tokalâ warâ tywenizeim mondogue

aidyly sapâiguely, tâjigâky, pyni mondo aidyly-ro warâ. Xirâ aidyly keankâ E.E.I Kurâ Bakairidâ Paranatinga MT 2023 wâgâ sapâiguely keankâ saguhoem kuru arâ enomedâdyly adaguhoem augueho.

Xirâ arâ enomedâdyly keankâ imâsedo kuru, awylygue âsenomedâni mondo âsewanily konomedâni tânuigâne warâ awyly lâpylâ. Arâ keankâ agui kehoem âsenomedâni mondo tâwanu anhendylymo tyangahumo odano adientoem nhanpygue tâtâhoem warâ, arâ lâpylâ ise agaityom mondo nhapâiguelyno unâ lakuigady mondo wâgâ warâ agueim lâpylâ

Ekudyby 1: Unâ Egatuly Xutuho ume



Xutuho sodo: Marinho U Xerente (2023)

Xirâ ume, Odil Apakano keankâ unâ egatuim 1º ano domondonra kadapâigueohoem kado tâmydyeim, wâgâ keankâ âsenomedâni mondo âsewanihomoem âdara kado tâmydyeim aiedyly wâgâ, sapâigueely ihoguhobyry ara olâ âsenomedâni mondo koendâ nutumo.

Eagonro tâdâsenomedâdo keankâ tâjigâkâ mondo wâgâ, xirâ arâ tâdâsenomedâdylygue keankâ âdara unâ kado tâmydyeim wâgâ âsenomedâni mondo tutuzeim lelâlâ awyly nhuntulymo. Tokalelâ mawânâ kado tâmydyeim modo eremu âdutuoly. Xirâ âwanu ara enomedâdyly keankâ 1º ano ensino

mediudâ âsenomedâni mondo agâ. Xirâ
tâtâsenomedâdyly arâ awylygue âsenomedâni
mondo kado tâmydyeim mondo imâem
nhendylymo-ro warâ.

Ekudyby: Kado tâmydyeim Igâky mondo igâtudo byry ume



Xutuho sodo: Marinho U Xerente (2023)

Xypyryem pylâ, azagâ tokalâ ieto
tâtâsenomedâdo keankâ pyni mondo âdara aiedyly
wâgâ-ro warâ kynynâ

Xirâ arâ aidyly keankâ 9º ano domondo agâ
ensino fundamental aieni mondo agâ. Imâem

tahuleba warâ xirâ agâ tâdâsenomedâdyly, koendâ mawânâ pyni mondo aiedyly kâzenwenry eynynâ tywenize adyese alelâ. Xirâ arâ tâdâsenomedâdyly aiedyly âsenomedâni mondonra tutuzeim lelâlâ pyni mondo aiedyly awyly nhuntuhomoem.

Ekudyby 03: âsenomedâni tiuntuyby anhedyly pogu samu xurâ taekureim



Xutuho: Marinho U Xerente (2023)

Tarâ kiendyly, xirâ arâ aietodâ xutuimbe, enomedâni, pyni aiedyly xutuim. Idânârâ pyni aiedyly mondo wâgâ aguehoymbyem, enehoimbyryem warâ adyeseim mondo (mârâ kuru mondo). Tarâ olâ samu taekureim aiehoim. Tarâ kiendyly olâ eangonro pogu aiedyly samu

taekureinguelâ tyhuze awadu ara, Ilâpyryem olâ poguem idyly (Tamixiem).

Ekudyby 04: pogu tamixi anhedlyly ume



Xutuho sodo: Marinho U Xerente (2023)

Kado tâmydyeim mondo aito

Unâ mondo aidyly arâ udo mondo tâzewenry adâjidyly tuzanânehonzemo myakânwâm alâ pylâ Bakairi domondo agâ aidyly myani awârâ mondo. Tohonrelâ tâewyly awylygue olâ udo mondo eonhonru, awylygue lâpylâ olâ Bakairi domondo tytanru nanhen-homba awyly. Iwerâ Bakairi

domondo aisezedylimo tâzewenry mondo
 nadaimpa itoem eon-honwandylymo lakuru,
 iamimeom agâ salokuzenomo mondo agâ warâ.

Tarâ tâdâsenomedâdodâ Escola Estadual
 Indígena Kurâ Bakairi, e xirâ tâdâsewanin-ho wâgâ
 Projeto Político Pedagógico wâgâ adâkeze
 tâzezewenry mondo eon-honwanâdoem
 tâdâsenomedâdo oday aguely enomedâdyly wâgâ.
 Arâ awylygue xina xurâ tâdâsenomedâdo arâ
 âsewanily karaiwa iwapery (lei) agueho ara, awârâ
 kâzenwery ton-honre itoem.

Kado tâmydyeim adâjidyly arâ edyly Bakairi
 domondoem tyrenseim mawânâ. Azagâ mawânkâ
 kado tâmydyeim mondo: Tâlâ Iakuigady segue
 tâmydyeim. Merâma tyrenseim lelâlâ Bakairi
 domondo xurâem. Tâlâ tydâpâneim Kuamby,
 Iakuigady mondo emawadani sodo etyam idâly eni
 âdanipyra itoem. Tâwankureim mawânkâ merâ
 Kuamby. Idânârâ todone lelâ merâ kado tâmydyeim
 mondo, tâjimery ara mawânkâ merâ mondo xutuly.

Kado tâmydyeim mondo sautoem sodo mondo agâ wao xutuly, tâlâ mawânkâ sodo ewy izepaom tâgado âkuly. Idânârâ sodo mondo âseinwânduomo tâwâlâ kado tâmydyeim mondo saunâdyly keduoma âkuly. Tâdâseinwânduoma tâwâlâ kado tâmydyeim mondo aidyly. Merâ kado tâmydyeim aitodâ olâ uguondo mondo lelâ idâim, pekodo mondo nhenkyly keba awylygue.

Uguondo mondo paru iwaguepa idâlymo kado tâmydyeim âkuhoem igâtuze edemugue. Kado etyam mawânâ saindyly âkuday. Kado etyam saitybyem mawânâ sainlâdâly âkuday. Kado etyam saitybyem mawânâ imeom aidyly. Se 10 cm guetonro mawânâ takobâzeim kurâdo mondonra. Kado iopano lelâ olâ mârâ se sawâni. Kado lâma awarâ se nhenehonly, Matola, Iakua, menxu e 23 mondo lâpylâ-ro warâ. Kado iopano lelâ awarâ se sawâni, mâkâ sodo induakeyby lelâ, aituo pylâ se sakobâday ânguy nawâpyra-ro warâ. Mâkâ kurâ iopanoem iduakeybylâ mawânkâ kado aieni. Sodo pylâ enre ilery ese idâim kado aietoem-ro warâ.

Kado aidyly ara iopano âdylâ isejiguy ewy tienwanikeduo igâky intajidyly kado sodo pogu ingonotoem tâwâlâ lâpylâ kanrâ ikamyby xyaypy âdylâ lâpylâ warâ sadyly kado ipyniryem.

Kado mondo âwanikeduo pylâ kurâdo mondo agâ egaseho xutuly-ro warâ, kado mondo egasehoem.

Ekudyby 05: Iakuigady egasely ume



Xutuho: Marinho U Xerente (2013)

Merâ kado mondo aitoem lâpylâ olâ idu odano mondo lelâ tâtywâzeim pelagady, aunto, âwainji, kawim awarâ mondo mawânâ ezedy

kytanwem. mârý lâpylâ enre sedâdâem aityby
egueypy warâ, se lâpylâ kadoem aini lelâ- ro warâ.

Kado oday kydatay kydâjitaimba kurâ
ypyniry, woku kykeba kurâ. Kado domondo
salokuombygueduo pylâ uguondo mondo Kado
eremugue taseray tâwâlâ intajidylymo-ro warâ
aunlolâ eoku ipyniry warâ sodo mondo
ingonotomoe.

Bakairi ezenweryem mawânâ tâensenry
mondo tâwinduase tadakuize warâ. Awylygue pylâ
pyni pogu warâ pylâ koendâ awyly.

Xirâ pyni mondo sadyly Kado mondo
âkubygyeduolâ, xytâguyando odaxi alelâ ipa nipyra
awyly âdâpigu ume lelâ awylygue merâ kado âkuly.

Awylygue âtâ anaym pyni peba nipyra awyly
kado tâmydyeim mondo awyly ume sodo mondo
etydâ.

Iakuigady segue tâmydyeim mondo merâ.

Tarâ ise Iakuigady âsegudobyry ezedy, ânguy keze awâkâ ezedy xutuho warâ.

Merâ Iakuigady mondo tâzekune mawânkâ, tutuze kurâ merâ Iakuigady mondo ezedy lâpylâ, âdakeze merâ ezedy mondo kiuntuho lâpylâ ise tarâ kienkyly.

Xirâ mawânâ xirâ âwanu nhengatuly nheneholy âsenomedâni mondo nhuntuho, koendâ kehoem itainly iwenily nhuntuhoem, awylygue konomedâni mondo iamimeom nhenomedâdily koendâ kytanru ara, aguykeho ara warâ.

Iakuigady ume lâpylâ, on-howam tisemo mawânkâ, todomo etyam idâze, ilâem pylâ tygâse târemugue idâlymo, âdily tindatyby tygâtuze idâlymo. Warâ mawânâ myani agaityom mondo tutuzenre, toensenry mom nhedyly.

“Kurâem âseuze ine keba myani
kurâBakairi domondo. Egâ
kydamudo

Bakairi Taele, Paiata, Ogoike kalu, kypemugu
awâkâ kalu, awâkâ idâduo ma ise kurâ ipa
typemuguemba. Aituo âseuni keba kurâ, mâseuduo
kadoem ise amyguely. Kadoem myani aguelymo,
aituo pylâ merâ Iakuigady oday aguelymo,
nhengatuly âdydâimeom aitobyry, nhemaguely,
tutuze mâkâ agueho warâ”.

Âdykâ, âdykâ wânâ idaserary âdykâ, âdykâ wânâ
urery, âdykâ, âdykâ wânâ ydanwry” kely
mawânkâ merâ Rachidi Matuawa Pyaji 14-05-2024.

Warâ pylâ merâ Alacuai aguely

“Kado tewuiâseim keba tuomareim merâ kado
inakai mondo kulâ agueim keba, târemuenlâ merâ
aguely tokoudâ nhemaguely, tuomarugue warâ
mawânkâ iakuigady aguely. Âdaunlo kulâ keba
nhemaguely, tyaundo kulâ, topyry kulâ tundu kulâ

watay âjiholy mawânkâ”. Kelâ merâ **Alacuai**
nhengatuly 14-05-2024

Warâ xirâ âwanu tarâ aguely. Xirâ olâ iamemiom
nhuntuho kytanru itainly iweniho nhuntuho, idânârâ
kurâ domondo âsenomedâdoem lâpylâ, xirâ âwanu
kytanwem Bakairi itanwem.

MATOLA



Ekudyby:

Aluna: Zahi Tumaiaawa

Matola: Matola merâ, Iakuigady mondo iwymâry
mawânkâ merâ. Merâ peba Kulâ Iakuigady nâkuba,
kientoem nâtygabyra warâ.

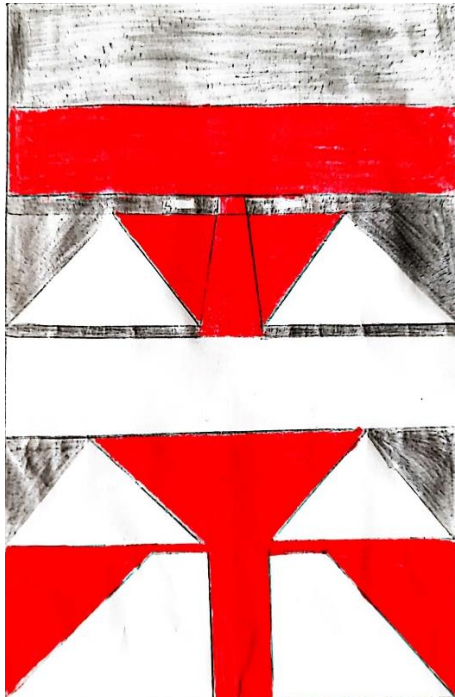
Matola merâ pein tâizein iakadu uduano.

IAKUA



Ekudyby: Aluno Edilson Nuna Sanches

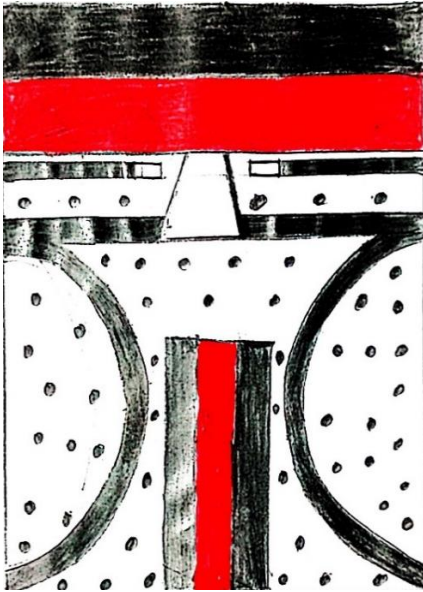
Iakua: Merâ Iakua Kurâem pânre adyry, pânre imasedo. Pyaji lelâ merâ eni. Kurâ kiendyly watayma kuhobe, atiuo pylâ kientybyem kâwâmadyly, aituo pylâ pyaji lelâ koendâ kyeni aunlobyryem.

KAKAIA

Ekudyby: Aluno Omãayteri Pinhanta de Souza Nukini

Kakaia: Konopio lâpylâ merâ Kakaia keho. Tarâ olâ merâ Kadoem.

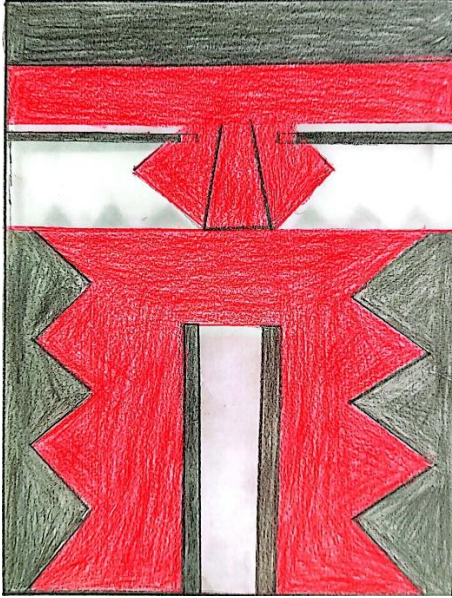
PAPA



Ekudyby: Aluno Maxwel Hihouna Saguma

Papa: Merâma papa, konopiolâ merâ, papa olâ-ro warâ. Kadoem itybyem merâ papa tarâ warâ mawânâ.

PÂNRE



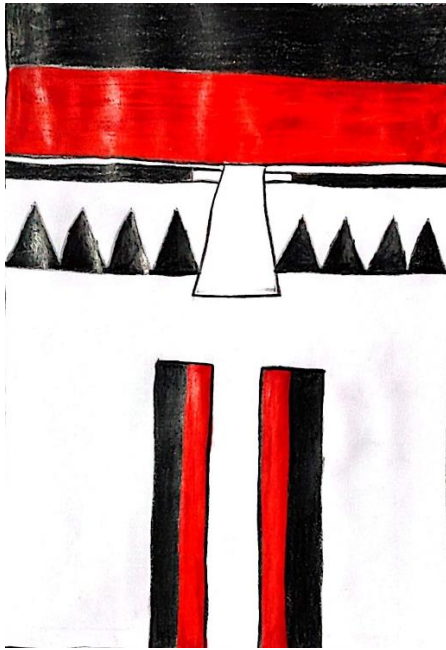
Ekudyby: Colaborador Juarez Cuchivare

Pânre: Merâma Pânre. Kanralâ merâ, pânre-em olâ-ro warâ.

KUNAHU

Ekudyby: Aluno Magnus Mobyra Amaldo Da Silva

Kunahu: Konopio merâ, pyaji lelâ eni

MYTY- IERY IMÂSEDO

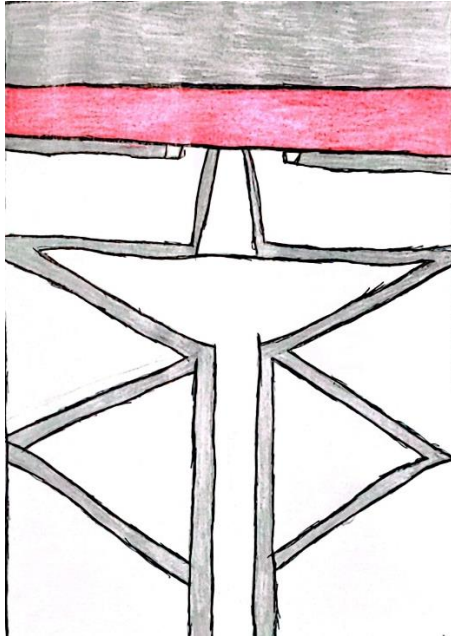
Ekudyby: Aluna Celina Mero Rondon

Myty Iery Imâsedo: Merâma maimain imâsedo,
Tarâ olâ kadoem merâ awyly

TOILEIM

Ekudyby: Aluno Erivelton Kaiawa Pedroso Semaga

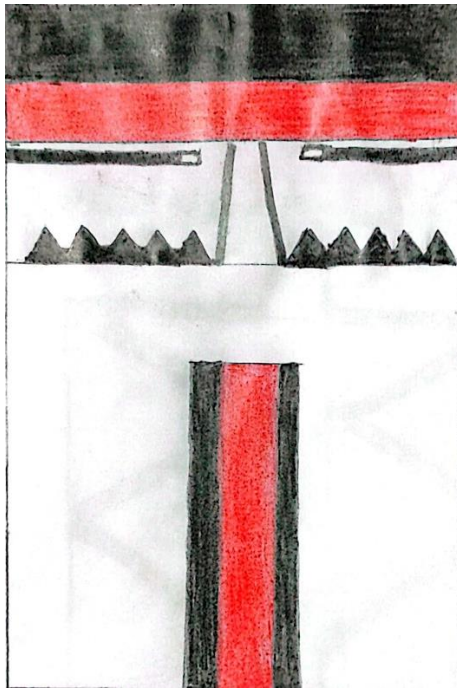
Toileim: Merâma Kanra. Kanra tatubyem olâ ituguynu-ro waunlo.

SEWE

Ekudyby: Aluna Janaina Rodrigues De Mato

Sewe: Kanra merâ okobi.

MYTY-IERY IMEOMBYRY (NATUNINHA)



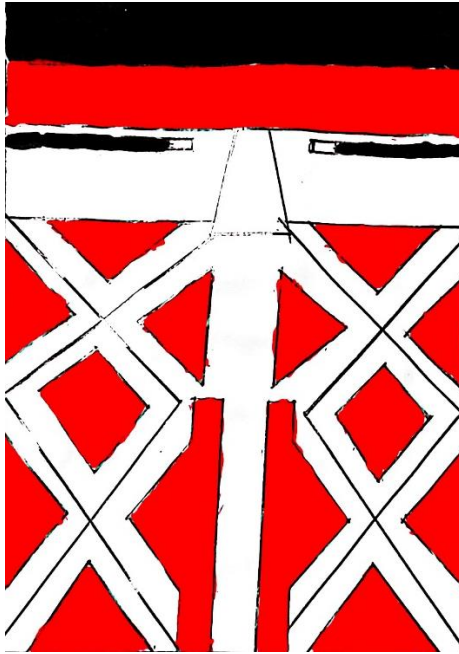
Ekudyby: Aluno Luciano Ayagâ Sales Pakuare

Myty-Iery imeombyry: konopio merâ Myryty
(Natuninha)

NAWIRI

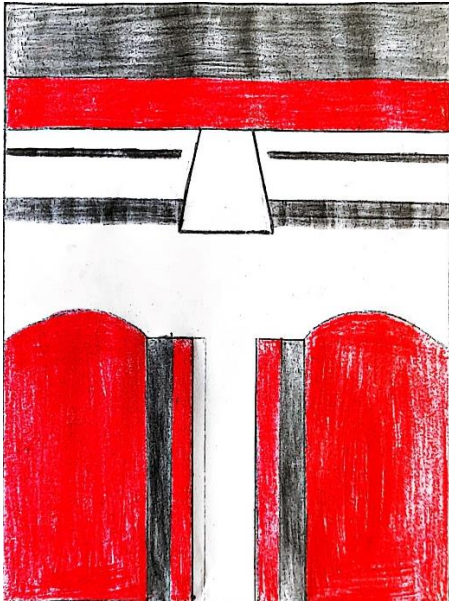
Ekudyby: Aluno Salatiel Uluko Apiaga

Nawiri: Kanra merâ

MENXU

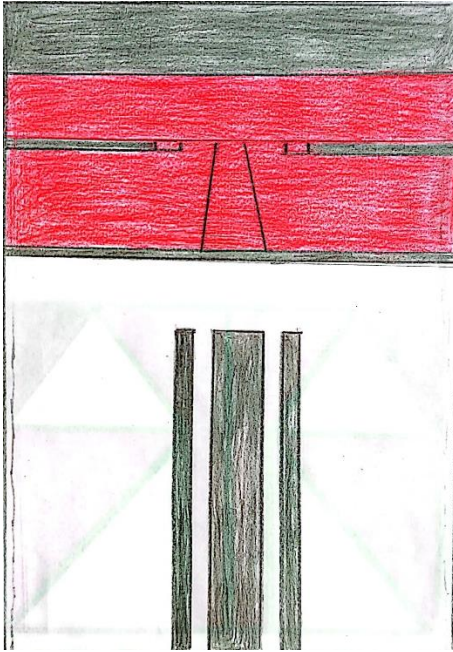
Ekudyby: Aluno Richarlison Tawanre Amare

Menxu: Kanra merâ, padâkary

MAEKORY

Ekudyby: Aluno Omãayteri Pinhanta de Souza
Nukini

Maekory: Kanra merâ, paru iwatary ozeno/odano

PILI

Ekudyby: Colaborador Juarez Cuchivare Boroponep

Pili: Konopio merâ, pawaru imeimbyry, tywâkureim merâ.

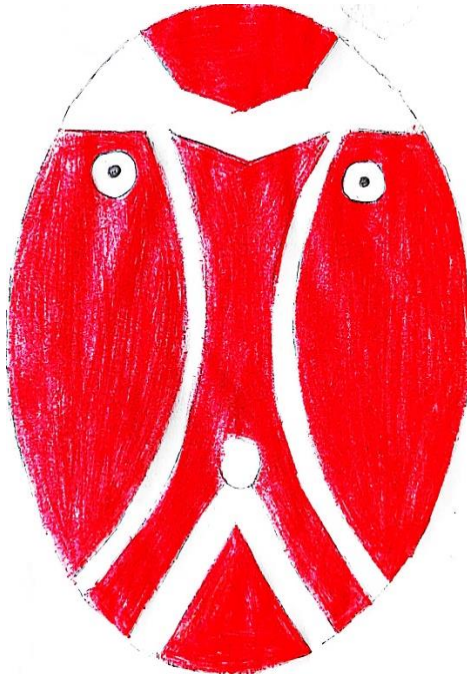
**Kuamby mondo ise
merâ.**

NUIANANI



Ekudyby: aluno Maxwell Hihouna Saguma

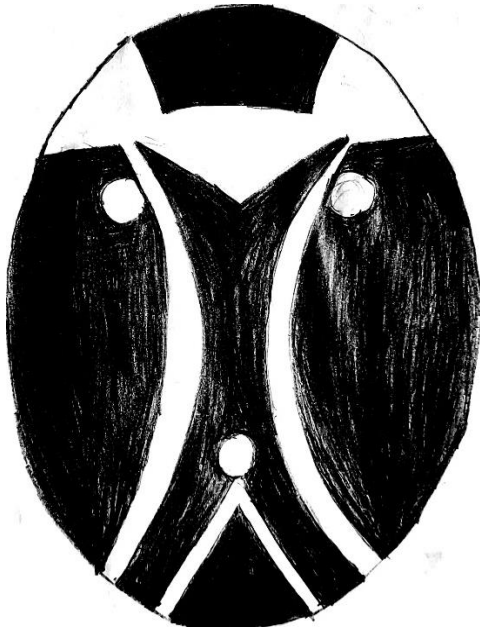
Nuianani: Kanralâ merâ makauala kumare, Kuamby iwymâry (pyaji). Merâ Nuianani peba Iakuigady nâkuba, taseraji naimpyra.

NUMITAU

Ekudyby: aluno Omãayteri Pinhanta De Souza
Nukini

Numitau: Kanralâ merâ Kuiatana idâlylâ, Kuamby
tapabileim

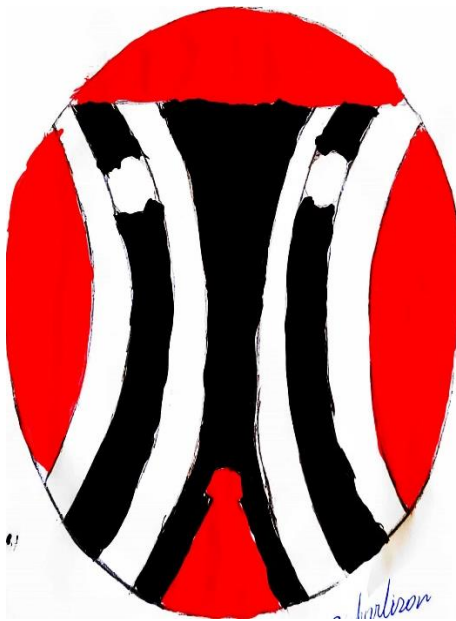
KUALOWY



Ekudyby: aluno Maxwell Hihouna Saguma

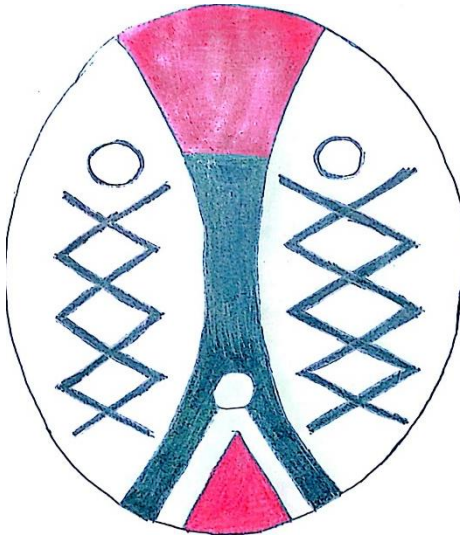
Kualowy: Kanralâ merâ tatubyeim, Kuamby
tâmyguyneim.

MAKUALA



Ekudyby: Aluno Richarlison Tawanre Amare

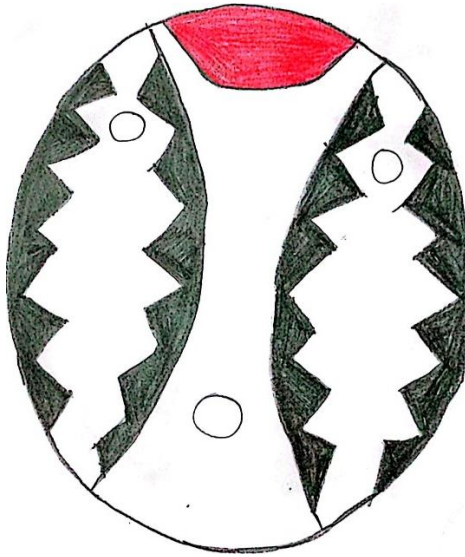
Makuala: Kanra. Nuianani idâlylâ merâ (xugutyby)

TÂNUPEDY

Ekudyby: Aluno Luciano Ayagâ Sales Pakuare

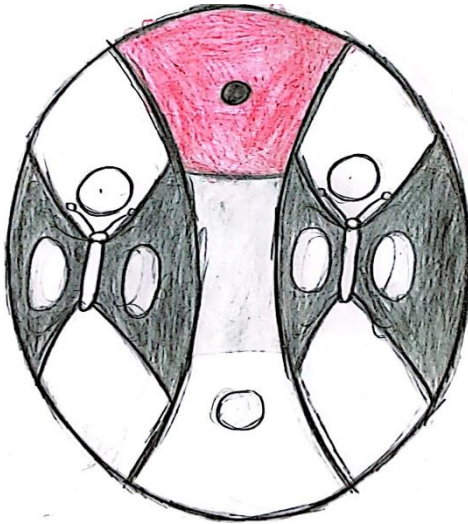
Tânupedy: Kanra kâxi Uguondo

NUERIKU



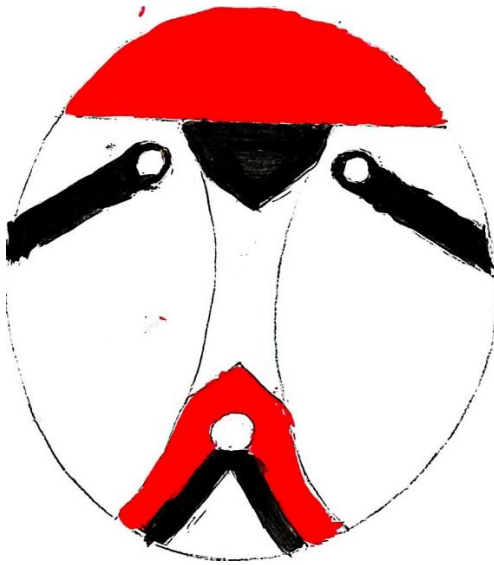
Ekudyby: aluno Salatiel Uluko Apiaga

Nueriku: Kanralâ merâ pânre pekodo

MAPABALO

Ekudyby: aluno Magnus Mobyra Amaldo Da Silva

Mapabalo: Kuonroko imâsedo, Kuamby.

WYLY-WYLY

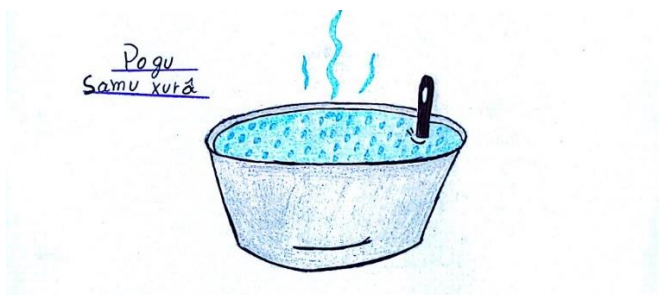
Ekudyby: aluno Luciano Ayagâ Sales Pakuare

Wyly-Wyly: Konopio paru emelano

PYNY AIETO XIRÂ - RECEITA CULINÁRIA

KYTAWEM
KYDÂSENOMEDODO –
ENSINO DA LÍNGUA

POGU – SAMU XURÂ



Ekudyby: aluna Mayara Magaro Katauga

Pogu samu xurâ- mingau de polvilho de mandioca

Âwaonroem samu sapaguely wao kudupi odaxi.

Ilema pylâ paru iedyly ro warâ.

Aitybyem, pylâ sagupily warâ.

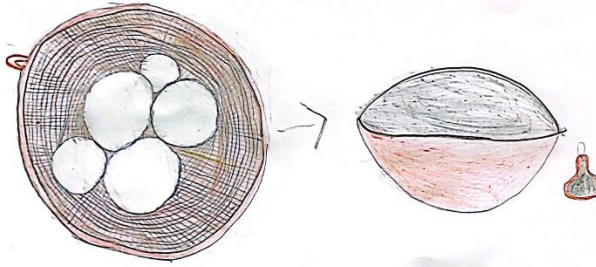
Paru sarâendyly, paru sareândyly âmugâ oday, mârâ
ikaji pylâ samu iedyly-ro.

Tykâgueze olâ ikâ nadakâjiba itoem.

Pido, Pido ituo pylâ alâ idyly-ro warâ.

Enylâ lelâ âwanikeduo warâ.

POGU – SAMU - TAMIXI



Ekudyby: Aluna Virna Topy Itamare

Pogu – tamixi

ÂWaoonroem kuru âpa esaguely wao, satuguely, igokely.

Ilâpyryem xyguyly, igaunkuly, pyzegu iapâdyly, isamury etyly, ilanâdyly wao.

Aitybyem awadu xudyly, tapieigure.

Nhâma paikai iolukely warâ.

Ine warâ pylâ ikâguely-ro warâ tamixiem itoem, alâ kulâ

Ilâpyrynma enyly lelâ

POGU – ANJI XURÂ



Ekudyby: Aluna Izabelly Iawaiu De Macedo

Pogu – anji xurâ

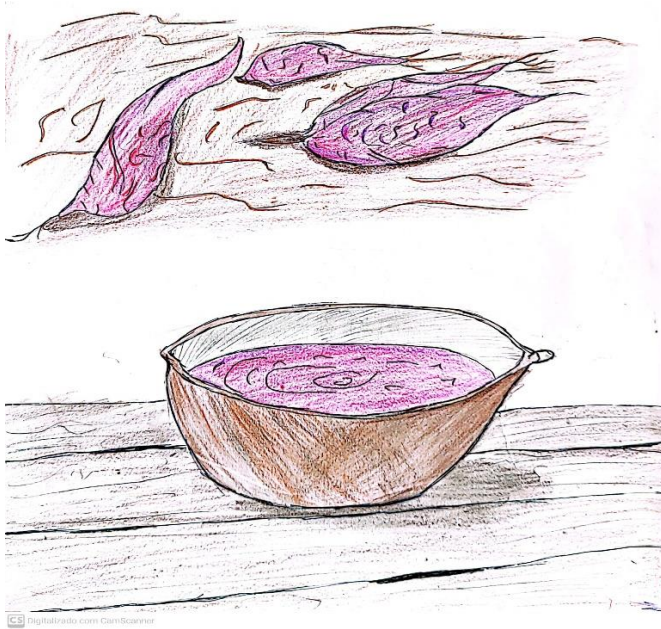
Âwaonroem anji ese tâdâtâly wao âpa ezaxi,
xukawâdyly enewyly ilâpyryem satuguewâdyly,
xyguyly kai wâgâ warâ.

Ilâpyryem sainguely paru agâ, idiempa lolâ paru
iedyly sainguehoem kudupi imâsedo oday.

Nhâma âmugâ odaxi iedyly âjihuhoe.

Ipygueduo alâ mârâ pogu.

POGU – NAHONDO XURÂ



Ekudyby: Aluno Ivan Tuagana Hiaulai

Pogu – nahondo

Âwaonroem nahondo idâlâdyly wao âmugâ oday.

Idâtuo pylâ satuguely Piu, Piu idyly enyhoem.

Tâwâlâ maenkuzeândyly lâpylâ

Ala kulâ wâne

POGU – MARUPÂ XURÂ



Ekudyby: Aluno Jucimar Paway

Pogu – marupâ xurâ

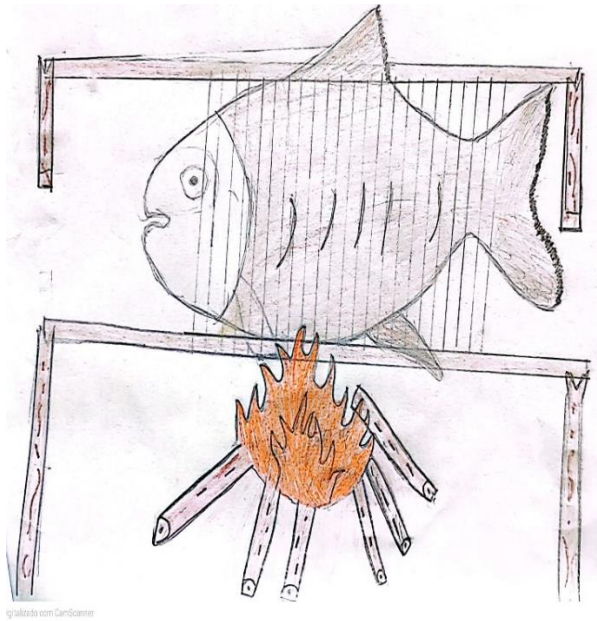
Âwaonroem kuru marupâ monholukely wao, ine ituo pylâ makoly warâ.

Tâwâlâ tunoze o tunozepa warâ mâin-hunly

Paru tâdâpigueim odaxi mâmhedyly marupâ, Tykâgueze lelâ ikâ, pido, pido ituo pylâ alâ idyly-ro warâ.

Nhânseduo tâwâlâ pogu marupâ xurâ enyly warâ.

ÂJIHUYBY - PONWARY ODAY ÂJIHUYBY



Ekudyby: Aluno Uriah Seeka Pampegâ

Âjihuyby – nonku powanry oday âjihuyby

Âwaonroem nonku sawely wao

Nonku idâhuguely,

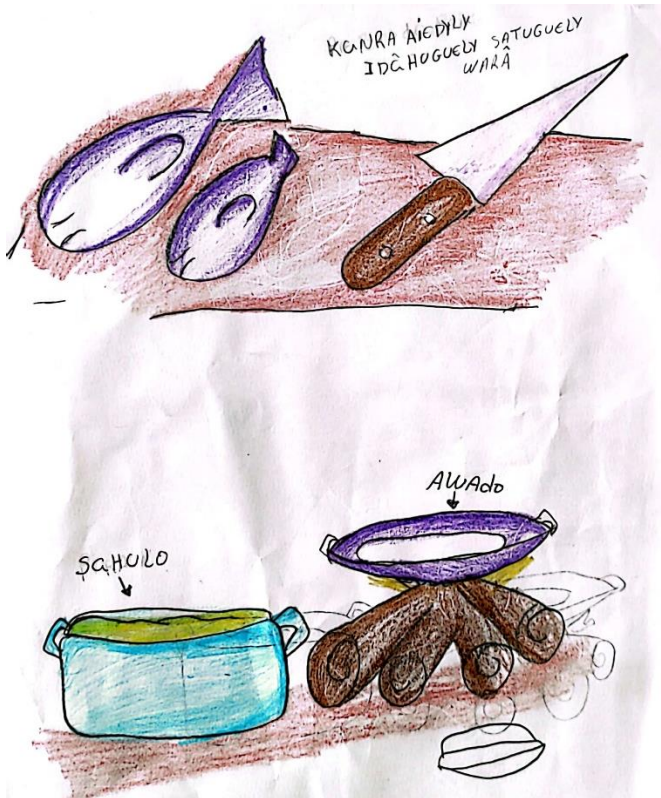
Aitybyem peto emanâdily,

Iatyguyly, ehozebygueduo pylâ nonku ituwynly
sawâpa sary oday

Peto ehohu onwam iedyly âjihuhom

Âjihuduoma tâwâlâ sâdily awadu agâ

SAHULO NONKU XURÂ



Ekudyby: Aluna Nathiely Turepãn Mugupã

Sahulo nonku xurâ – awadu samu agã

Waonroem nonku mantuguely ise, mâindâhuguely warâ, ilâpyryem matâwâdyly, nhâma âmugã peto onwam mâmhedyly, ilâpygueduo nonku satâwâdyly

âmugâ odaxi mânhedily idâtoem, awarâ aidily
 umelâ samu awaduem mâundyly, samu etary odaypa
 etyly âmugâ odaxi iedyly, parugue xu iese âmâ
 koendâ âdutoem, awârâ pygueduo mâundyly.
 Nhâma awadu aienipyryem, nonku idâtyby ese
 mydâly alâ watay ise mâinkaguely iguery
 mâentyhoem, ilâpyryem iguery mâentybygueduo
 ise âmugâ odaxi mânhedily mârâ ekuru idâtobyry
 ikajilâ ise farinha âpa âzetyby xurâ mânhendily ikaji
 sahuem idily, awarâ idânârâ

Alâ ipygueduo mâinly lelâ.

PODO SAUNTYBY



Ekudyby: Aluna Mirella Malui Panduke tawi

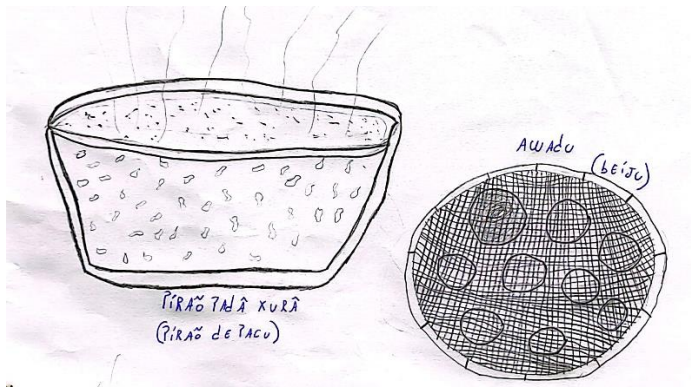
Âdara podo sauntyby aiedyly wâgâ agueho xirâ
kynynâ, kurâ-bakairi ipyniry. Maen nhunru, pâu,
xua, kozekâ, pâsega tytângueim, megu, xeu,
pialupado, awâkâ mondo nhunru sauntybygue:

Âwaonroem kuru podo xâypy saunlâdyly wao peto
angata y seka wâgâ, tâwâlâ wao nâjihu peto angata y
niadupa nidâ olâ, sarungue lelâ âjihuly iatygu
wâgâpa nadapahugueba itoem. Alâ ituo iolukely ilâ
umelâ peku, nhânânzeânto modo iedyly ikaji, alâ
ituo sakoly lelâ ego oday. Ego odano byryem âmugâ
sareândyly igady agâ, nhânânzeânto iedyly âmugâ
odaxi alâ ituo aukâ podo sakoyby iedyly iodaxi,

âdiempa ihuly wao igady oday, alâ ituo imeguely
sâdyly lelâ.

Alâ kulâ.

SAHULO PADÂ XURÂ



Ekudyby: Aluna Celina Mero Rondon

Sahulo padâ xurâ

Âwaonroem kuru padâ satâwâze âmâ.

Âmugâ odaxi xuh paru iese lâpylâ âmâ

Aitybyem ise âmugâ peto angawânxi mânghedyly
idâtoem

Idâtybyem ise Iguyry etyze wao âmâ, ilâpyryem ise
ego odaxi mânghedyly makohoem.

Sakobygueduo pylâ ikamyly lelâ farinhague,
Aitybyenma einly lelâ.

Alâ kulâ

AUNTO



Ekudyby: Aluna Zahy Ahuialo Tumaiaawa

Tâlâ âmâ aunto ipery watay, âwaonroem kuru
masewâdyly wao ise.

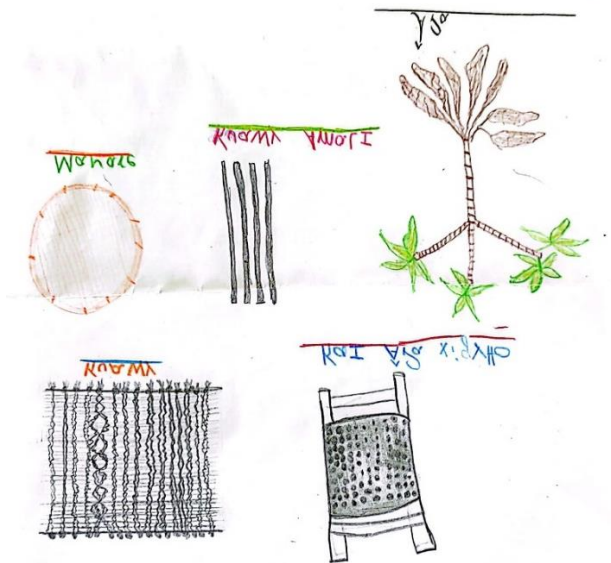
Ilâ pygueduo sanly mâentyly, parugue mâinkuily.

Ilâpygueduo mainguely kuawui oday tokalâ kâmary
ewily arâ lelâ âwâlâ izematobyry ara lelâ sainguegâ
Idânârâ amiempygueduoma peto mâen-hobanâdyly
miantyguyly ehozehoem ro warâ

Ilema ise peto onwam mânhedlyly lelâ.

Sakamaze mawânâ, saweze, âdiempa ise warâ,
mârâ aituoma alâ mârâ, âwanikely lelâ,
âwanikebygueduo mâentyly lelâ âdylâ odaxi
mapadyly, âwâlâ âmugâ imeimbyry, kudupi
imeimbyry odaxi warâ mandadyly,
Alâ kulâ wâne awârâ aunto aiedyly.
Alâ ise.

ÂPA



Ekudyby: Aluna Aline Rodrigues Mikâim

Âwaonroem âpa esaguely, Satuguely, igokely,
xyguyly kai wâgâ

Aitybyem igaunkuly, âdâpigu odaxi iedyly âdiempa
ionupadoem.

Aitybyem xunoly manbare wâgâ, ilema pylâ xudlyly
âladu wâgâ, warâ awadu aiedyly.

Âwanikeduo ma edawynly lelâ podo agâ, Kanra
âjihuyby, idâtyby, podo santyby agâ lâpylâ warâ.

Alâ kulâ.

Referencias

OS FILHOS DE SOL: História e cosmologia na organização social de um povo karib -os Kurâ-Bakairi. São Paulo: EDUSP, 2003.

PERUARE, Vitor A. **Yakuigady**. Cultura e sustentabilidade nas mascaras rituais do povo Kurâ Bakairi. Brasília, 2012. Acesso em: 17 de agosto de 2022

TAUKANE, Y. D. **Educação Escolar entre os Kurã Bakairi**. Dissertação de Mestrado em Educação. Cuiabá, MT: Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, 1996. Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

XAGOPE, V. K. Kurâ Xunâry – **Memória dos Kura Bakairi**. Dissertação de Metrado. Rio de Janeiro: PROFLIND/Museu Nacional, 2017. Acesso em 29 de abril de 2024.